



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LARISSA MORAES PEDROSA

O STATUS DA NASAL PALATAL [ɲ] EM JOÃO
PESSOA

João Pessoa
2016

LARISSA MORAES PEDROSA

O STATUS DA NASAL PALATAL [ɲ] EM JOÃO PESSOA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento das exigências para obtenção do grau de Mestre em Linguística, sob orientação do Prof. Dr. Dermeval da Hora.

João Pessoa
2016

P372s Pedrosa, Larissa Moraes.
 O status da nasal palatal [ɲ] em João Pessoa / Larissa
 Moraes Pedrosa.- João Pessoa, 2016.
 87f. : Il.
 Orientador: Dermeval da Hora
 Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL
 1. Linguística. 2. Nasal palatal. 3. Variação. 4. *Condições
 linguísticas e extralinguísticas.*

UFPB/BC

CDU: 801(043)

LARISSA MORAES PEDROSA

O STATUS DA NASAL PALATAL [ɲ] EM JOÃO PESSOA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento das exigências para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa
(Membro avaliador)

Prof. Dr. André Pedro da Silva
(Membro avaliador)

João Pessoa
2016

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que nunca mediram esforços ao me proporcionar acesso à educação, e por me ajudarem de todas as formas nas minhas necessidades.

Aos meus avós, que serviram de exemplo para mim, por seguirem a profissão de educadores com paixão e empenho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me abençoar durante esta caminhada e me dar forças para encarar os obstáculos que a vida proporciona. Ele que guia meus passos e me impulsiona a conquistar minhas vitórias.

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e apoiaram as minhas decisões, investindo com dedicação na minha formação e sendo exemplos de profissionais éticos e dedicados.

Ao meu noivo, Breno, por me incentivar nos momentos de desânimo, acreditando sempre em meu potencial, e por saber compreender meus momentos de ausência. Obrigada por seu amor e amizade diariamente.

Ao meu irmão, Rafael, que, com paciência e amor, torceu por mim para que eu conquistasse mais uma etapa da minha vida.

À professora Dra. Maria Auxiliadora Bezerra (UFCG), por todo conhecimento compartilhado, apoio e compreensão durante toda a minha graduação e pela disponibilidade em ajudar sempre.

À minha grande amiga Kátia, que acompanhou todos os momentos de alegrias e angústias desde o início da pós-graduação. Obrigada por sempre me ajudar e me apoiar, pois sua amizade tornou esse processo mais leve.

Às minhas amigas de curso e de vida, Amanda, Larissa e Camilla que sempre me estenderam a mão quando eu precisei. Obrigada pela cumplicidade e união de todos esses anos.

Ao professor Dr. Dermeval, por ter me acolhido e acreditado no meu trabalho durante o mestrado. Sua confiança, orientação e incentivo foram fundamentais para que eu pudesse conquistar mais essa vitória.

À professora Dra. Juliene Pedrosa, pela disponibilidade em ajudar no processo do mestrado, e pelo exemplo de dedicação à profissão de educadora.

Aos professores da banca examinadora, Dra. Juliene e Dr. André, pelas contribuições dadas no processo de avaliação deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral demonstrar o caráter dinâmico e social da língua, na medida em que falantes usam formas variadas do segmento consonantal nasal palatal, o /ɲ/, a depender dos fatores linguísticos e extralinguísticos a que são submetidos. Os objetivos específicos são: identificar quais as condições linguísticas e extralinguísticas que podem influenciar na variação da nasal palatal /ɲ/, observar a realização da consoante nasal palatal em sua realização variável como apagamento [ø] ou manutenção do fonema [ɲ], e destacar se a consoante nasal palatal passa por um processo de variação estável ou um processo de mudança linguística. O *corpus* desta pesquisa foi retirado do Projeto VALPB (HORA; PEDROSA, 2001), com 34 informantes, para que pudessemos verificar se os usuários da língua portuguesa da comunidade de João Pessoa variam ou não a nasal palatal. Para isso, verificamos as variáveis tonicidade, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, número de sílabas, categoria gramatical e sexo como as mais relevantes para o apagamento da nasal palatal nos vocábulos. Nossos resultados demonstraram que quando a consoante nasal palatal não é produzida pelos falantes, a nasalidade de /ɲ/ permanece, ao se espalhar para a vogal precedente. Além disso, foi observada a relevância do contexto fonológico precedente, mais precisamente do segmento vocálico [i] que aparece como um forte elemento condicionador de variação, pois quando a nasal palatal é apagada, o [i] mantém o traço distintivo de coronalidade de [ɲ]. O nosso fenômeno constitui uma variação estável, tendo em vista que um mesmo falante tanto usa um vocábulo com a manutenção do fonema, quanto usa com o apagamento, em momentos distintos.

Palavras-chave: Nasal palatal; Variação; Condições linguísticas e extralinguísticas

ABSTRACT

The main purpose of this academic work is to demonstrate the dynamic and social aspect of language, according as that speakers uses various forms of the nasal consonant palatal segment, the /ɲ/, depending on the linguistic and extralinguistic factors that they are submitted. The specific purposes are: identify the linguistic and extralinguistic conditions that may influence the variation of the nasal palatal /ɲ/; observe the variable accomplishment of the palatal nasal consonant as a variable null [ø] or the maintenance of the phoneme [ɲ], and reveal if the palatal nasal undergoes a process of a stable variation or language change process. This research *corpus* was taken from VALPB Project (HORA; PEDROSA, 2001), that has 34 informants, so we could verify if the speakers of Portuguese in a community of João Pessoa vary or not the palatal nasal. For this, we verified the variables tonicity word, following phonological context, precedent phonological context, number of syllables, grammatical category and sex as the most relevant for the deletion of palatal nasal in words. Our results shows that when the words has the palatal nasal consonant as a variable null, in the process of variation, the nasality of /ɲ/ remains, standing in the preceding vowel. Besides that, we verified the relevance of precedent phonological context, especially when it was the phoneme [i], because when the palatal nasal is deleted, the [i] keeps the distinctive feature coronal of [ɲ]. Our phenomenon is in a stable variation, given that the same speaker uses both a term with the maintenance of sound, as used with the deletion, at different times.

Keywords: Palatal nasal; Variation; Linguistic and extralinguistic conditions

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS, QUADROS E FIGURAS

Tabelas

Tabela 1 – Realização da variável contexto fonológico precedente para o apagamento da variável /ɲ/.....	56
Tabela 1 – Realização da variável contexto fonológico seguinte para o apagamento da variável /ɲ/.....	59
Tabela 2 – Realização da variável categoria gramatical para o apagamento da variável /ɲ/.....	64
Tabela 3 – Realização da variável número de sílabas para o apagamento da variável /ɲ/.....	66
Tabela 4 – Realização da variável tonicidade para o apagamento da variável /ɲ/.....	69
Tabela 5 – Realização da variável anos de escolarização para o apagamento da variável /ɲ/.....	71
Tabela 6 – Realização da variável sexo para o apagamento da variável /ɲ/.....	73
Tabela 7 – Realização da variável faixa etária para o apagamento da variável /ɲ/.....	74

Gráficos

Gráfico 1 – Uso da variável nasal palatal /ɲ/ na comunidade de João Pessoa.....	53
---	----

Quadros

Quadro 1 – Processos fonológicos para /ɲ/ da pesquisa realizada por Soares (2010).....	34
Quadro 2 – Exemplos de vocábulos produzidos com a despalatalização de /ɲ/.....	78

Figuras

Figura 1 – Ramificação da Linguística.....	16
Figura 2 – Exemplos de elisão e manutenção da desinência de gênero /a/ do vocábulo.....	62

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	15
1.1 A Teoria da Variação Linguística.....	15
1.2 A comunidade de fala	20
1.3 A pesquisa sociolinguística.....	22
1.4 Variação fonético-fonológica.....	26
2. ABORDAGENS SOBRE AS PALATAIS.....	31
2.1 Caracterização da nasal palatal.....	31
2.2 Abordagens sobre o tema	32
2.3 Grupo de fatores influentes na variação da consoante palatal /ɲ/.....	35
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	40
3.1 Coleta de dados.....	40
3.2 Descrição das variáveis.....	42
3.2.1 Variável dependente.....	42
3.2.2 Variáveis independentes.....	43
3.2.2.1 Variáveis sociais.....	44
3.2.2.1.1 Sexo.....	44
3.2.2.1.2 Anos de escolarização.....	45
3.2.2.1.3 Faixa etária.....	46
3.2.2.2 Variáveis estruturais.....	47
3.2.2.2.1 Contexto fonológico precedente.....	47
3.2.2.2.2 Contexto fonológico seguinte.....	49
3.2.2.2.3 Número de sílaba.....	49
3.2.2.2.4 Tonicidade.....	50
3.2.2.2.5 Categoria gramatical.....	50

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	52
4.1 Resultados iniciais.....	52
4.2 Variáveis estruturais.....	55
4.2.1 Contexto Fonológico Precedente.....	55
4.2.2 Contexto Fonológico Seguinte.....	58
4.2.3 Categoria Gramatical.....	64
4.2.4 Número de Sílabas.....	65
4.2.5 Tonicidade.....	68
4.3 Variáveis sociais.....	70
4.3.1 Anos de escolarização.....	70
4.3.2 Sexo.....	72
4.3.3 Faixa etária.....	74
4.4. Cruzamento dos dados dos fatores sociais.....	76
4.5. Descrição do status da nasal palatal.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS	84

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos sobre a língua portuguesa a partir do século XX foram decisivos para que surgissem teorias sobre o funcionamento das línguas e não só sobre estudos prescritivos, o que era prioridade até esse tempo, dado que era comum fazer a distinção entre o que estivesse certo ou errado na língua. O correto diz respeito às variedades mais prestigiadas da língua, ao que vai ao encontro da norma culta, e o errado corresponde a qualquer variação da língua que fuja ao que é prescrito em gramáticas tradicionais. Ao realizarmos um estudo que lide com o uso real da língua, ou seja, ao trabalharmos com a linguística, estamos lidando com a estrutura que compõe a língua e, a partir disso, descreveremos como a língua se comporta em uma determinada comunidade de fala.

A partir da análise e observação da organização das línguas, especificamente a língua portuguesa que nos diz respeito, é possível perceber que as mesmas palavras podem se comportar com uma estrutura diferente. Com o conhecimento dos níveis que constituem a língua, como fonologia, sintaxe, semântica, entre outros, podemos perceber e investigar a sua diversidade.

O Brasil é um país multicultural que recebeu (e recebe) influências dos diversos povos de distintas nacionalidades que se instalaram em nosso país e contribuíram para o seu crescimento. Assim, é natural que a língua portuguesa adquira não só os costumes, mas também peculiaridades de cada língua que manteve contato.

Desde a década de 60, no século XX, sabe-se, com apoio na teoria de Labov, que fatores extralinguísticos interferem na língua e podem provocar variações linguísticas. Dentre os possíveis aspectos sociais e culturais que identificam uma variação na língua, há o nível socioeconômico das pessoas, a região, o grau de escolarização, a idade, o sexo, entre outros.

Ao estudarmos o uso concreto das manifestações linguísticas e considerarmos os fatores extralinguísticos como fortes influentes no uso efetivo da língua, percebemos que as variações são inerentes à língua, uma vez que esta é heterogênea e um mesmo elemento linguístico pode ser realizado diferentemente pelos indivíduos. Estudiosos como Labov demonstram que quando os indivíduos se encontram em contextos orais e menos informais apresentam a fala mais espontânea das interações verbais. A partir dessa informação, surge o interesse em observar o meio mais despretensioso e natural da língua para que possamos observar e estudar a variação linguística. Em vista disso, podemos afirmar que os falantes apresentam manifestações

linguísticas diversas na comunicação oral. Partimos, então, da compreensão de que é no contexto oral de comunicação entre indivíduos que a variação é mais encontrada na língua.

Diversas são as variações encontradas na língua e, dentre as que podem ocorrer na fala dos sujeitos há o apagamento de alguns segmentos nas palavras, e percebe-se que a maioria das elisões que ocorrem não prejudica o entendimento das informações emitidas em um diálogo. Isso pode ser observado em vocábulos como “senhor”, que pode ser pronunciado por alguns falantes, de acordo com a transcrição fonética internacional, como “[sĩ’ô]”, em que, entre outras alterações fonéticas, há o apagamento da consoante palatal [ɲ]. Essa consideração e a observação de que, por vezes, a pronúncia de algumas letras se faz imperceptível na fala dos indivíduos, faz com que desperte o interesse de observar a realização da consoante nasal palatal /ɲ/, a fim de verificarmos se os usuários da língua, em uma comunidade específica, variam o fonema ou mantêm sua origem fonológica /ɲ/.

Assim, idealizamos esta pesquisa com o intuito de responder aos seguintes questionamentos:

1. De que maneira se manifesta a variação da nasal palatal /ɲ/ na comunidade de João Pessoa?
2. Quais os fatores estruturais e sociais que condicionam a variação da consoante nasal palatal /ɲ/?

Com o propósito de responder a essas perguntas, este trabalho de pesquisa tem o objetivo geral de demonstrar o caráter dinâmico e social da língua, na medida em que falantes usam formas variadas do segmento consonantal nasal palatal, o /ɲ/, a depender dos fatores linguísticos e extralinguísticos a que são submetidos; e tem como objetivos específicos:

- Identificar quais as condições linguísticas e extralinguísticas que podem influenciar na variação da nasal palatal /ɲ/;
- Observar como se manifesta a consoante nasal palatal em sua realização variável como apagamento [ø] ou manutenção da consoante [ɲ];
- Destacar se a consoante nasal palatal passa por um processo de variação estável ou um processo de mudança linguística.

Partindo de dados de fala da comunidade de João Pessoa, iniciaremos nosso estudo assumindo o pressuposto de que, quando não houver a manutenção da nasal palatal, a variação do /ɲ/ se manifestará a partir da despalatalização do fonema em questão e, mesmo com o apagamento desse segmento, a vogal precedente ficará nasalizada, pois, a nasalização da

consoante se espraia para a vogal que a antecede em sua forma original. Com isso, cremos que o apagamento do segmento consonantal faz com que a nasal palatal [ɲ] seja substituída tanto por um segmento nulo [∅], quanto por um acréscimo de ditongo que pode se formar no meio dos vocábulos. Nossa pesquisa faz, portanto, uma análise com variante binária. Isto significa dizer que os resultados estatísticos atribuirão pesos relativos com relação às duas variantes do fenômeno linguístico em questão, representadas pela variável dependente.

Além disso, ao reconhecermos que alguns fatores sociais e estruturais influenciem na variação do fonema /ɲ/, seguimos com as seguintes hipóteses (no capítulo de metodologia há explicações mais detalhadas sobre nossas hipóteses) levantadas que nortearam nosso trabalho:

- Dentre os fatores sociais, trabalhamos com a hipótese de que os informantes do sexo feminino, da faixa etária mais velha e com mais anos de escolarização tenderão a manter mais o uso de origem fonológica da consoante nasal palatal /ɲ/. E os informantes com características opostas, ou seja, os de sexo masculino, faixa etária mais jovem e com menos anos de escolarização, utilizem mais o apagamento de /ɲ/ em seus usos da língua;
- Dentre os fatores estruturais, acreditamos que os contextos fonológicos precedentes e seguintes sejam os que mais condicionem o processo de variação, e, para isso, verificaremos quais são;
- Supomos, também, que o número de sílabas, a tonicidade e a categoria gramatical possam interferir no processo de variação da consoante nasal palatal /ɲ/. Em relação ao primeiro, acreditamos que os vocábulos dissílabos influenciam mais na regra variável. Sobre tonicidade, temos a hipótese de que a nasal palatal irá se manter, quando estiver na sílaba tônica. E em relação a categoria gramatical, seguimos com a compreensão de que os verbos facilitem o uso da manutenção de /ɲ/;
- Acreditamos que quando a nasal palatal for apagada e estiver na última sílaba de um vocábulo, poderá ser apagada, também, a vogal seguinte /o/ à consoante nasal palatal /ɲ/, pois não interfere no entendimento da conversação. Quando um vocábulo, que tiver a nasal palatal na última sílaba, seguida de uma vogal como /a/, este sempre irá se manter na palavra pois acreditamos que os informantes têm o conhecimento de que, se reduzirem essa vogal, o vocábulo pode aparecer com outro sentido. Levando o exemplo

hipotético do apagamento de /ɲ/, nos vocábulos vizinho/vizinha, teríamos [vi'zĩ]/[vi'zĩɐ], em que a primeira forma permite que a desinência de gênero seja excluída, mas a segunda forma não. Se a desinência de gênero /a/ fosse reduzida, o vocábulo se manifestaria como sendo masculino. Ainda demonstrando essa hipótese, temos o vocábulo *pinho* que pode ser produzido como [ˈpĩ], com a nasal palatal e a vogal /o/ apagada; já o vocábulo *pinha*, requer que a vogal seguinte /a/ permaneça, mesmo com o apagamento de /ɲ/, para não modificar o sentido da palavra. Com isso, acreditamos que a vogal /o/ pode ser considerada neutra, pois os falantes reduzem os fonemas na medida em que compreendem que isso não irá interferir no sentido da conversação.

As pesquisas que lidam com o status da consoante nasal palatal /ɲ/ ainda são escassas no Brasil, principalmente no estado da Paraíba. Devido a isso, compreende-se a necessidade de deixar registrado o comportamento desse fonema na fala de indivíduos pertencentes a comunidade da capital da Paraíba, a cidade de João Pessoa. Com isso, nossa pesquisa se torna relevante para os estudiosos da língua ficarem a par de como o fonema em questão está funcionando pelos usuários de língua de João Pessoa.

Para o cumprimento de nossos objetivos, levaremos em consideração a perspectiva variacionista laboviana (LABOV, 1966; 1972) ao observarmos os fatores estruturais e sociais a partir do sistema computacional do Goldvarb X e interpretarmos a condição do status do segmento consonantal nasal palatal /ɲ/, a partir dos dados adquiridos no *corpus* do Projeto VALPB (HORA; PEDROSA, 2001).

Com o intuito de compreendermos o status da consoante nasal palatal na comunidade de João Pessoa, produzimos esta pesquisa que está estruturada em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

O primeiro capítulo comporta a fundamentação teórica de nosso trabalho em que resenhamos e discutimos as teorias que norteiam o nosso estudo e que são significativas para a execução da análise de nossos dados. Neste, expomos considerações acerca da teoria da variação linguística, além de estudos de comunidade de fala, informações sobre uma pesquisa sociolinguística e o estudo da variação fonético-fonológica.

O segundo capítulo contém uma revisão de alguns trabalhos realizados sobre a nasal palatal. Como são poucos trabalhos sobre esse fonema, trazemos algumas considerações acerca

da lateral palatal, também, por ser uma consoante palatal que se comporta de modo semelhante ao /ɲ/.

No terceiro capítulo, traçamos os procedimentos para a elaboração de nossa pesquisa, fundamentada no paradigma quantitativo. Nele, destrinchamos o objeto de estudo de nossa pesquisa e o grupo de fatores que colaboram para que a nasal palatal seja reconhecida como uma regra variável. Este capítulo traz a descrição do *corpus* e da coleta de dados que foram utilizados em nossa pesquisa.

No quarto capítulo há uma amostragem dos resultados e discussões preliminares das evidências do status da consoante nasal palatal na comunidade de João Pessoa, em que destacaremos os fatores linguísticos e extralinguísticos mais relevantes para a manutenção ou apagamento de nossa variável, a partir dos números obtidos no sistema computacional Goldvarb X.

Por fim, encontram-se nossas considerações finais. Nela, há uma síntese das contribuições da variação linguística, e apresenta nossas impressões sobre o estado variável de nosso objeto de estudo.

CAPÍTULO I – A Variação Linguística

Neste capítulo, pretendemos expor considerações acerca da teoria da variação linguística que surge a partir dos conhecimentos da Sociolinguística, umas das áreas da Linguística, que se firmou na década de 1960, com as contribuições de William Labov. Essa teoria considera, em seus estudos, os aspectos sociais e culturais das produções linguísticas e, devido a isto, delineia a presente pesquisa que, conforme pode ser visto nos objetivos, se detém a, entre outros interesses, identificar os fatores sociais que exercem alguma influência no processo de variação da língua.

A fim de que nossas apreciações sobre as observações dos dados sejam pertinentes, é necessário compreender o contexto teórico da configuração dos processos variáveis. A partir do tema de nossa pesquisa, selecionamos alguns estudos da área da sociolinguística que nos ajudam a entender o processo variável da nasal palatal. Devido a isto, este capítulo se subdivide em quatro sessões que discutem a teoria da variação linguística, assim como a concepção de comunidade de fala, além de trazer apontamentos sobre o tipo de variação que nossa pesquisa se baseia, a variação fonético-fonológica. Discorreremos, também, considerações acerca das características de uma teoria sociolinguística que lide com a variação encontrada na fala dos indivíduos.

1.1. A Teoria da Variação Linguística

Os estudos acerca da língua, desde o século XIX (a partir do conhecimento sobre a linguística histórico-comparativa), passaram a considerar, também, uma perspectiva descritiva, além da visão prescritiva de defesa de uma linguagem que segue os padrões da norma culta, como era comum de ocorrer nos estudos linguísticos, até então. O interesse em proceder um estudo científico da natureza da linguagem, a partir de um viés mais analítico, abre as portas para a observação da manifestação de todo sistema linguístico.

A partir desse ponto de vista descritivo, os estudiosos lidam com a observação do comportamento da língua. Estamos nos referindo, portanto, aos estudos da Linguística, uma ciência que surge para que possamos descrever a manifestação das línguas. Ao reconhecer a importância da descrição da língua, Petter (2012, p. 21) define o objetivo dessa nova ciência:

“a Linguística, portanto, como qualquer ciência, descreve seu objeto como ele é, não especula nem faz afirmações sobre como a língua deveria ser”.

Por se tratar de uma ciência, a linguística pode ser ramificada em diferentes maneiras de compreender a linguagem e a língua, a partir de abordagens diversas, assim como Lyons (2011, p. 25) afirma que “o campo total da linguística pode ser dividido em diversos subcampos segundo o ponto de vista adotado ou a ênfase especial dada a um conjunto de fenômenos ou premissas, ao invés de outro”.

Ao se referir às ramificações que a linguística pode obter, Lyons (2011) dispõe de uma dicotomia em que podemos encontrar aspectos mais e menos amplos dos estudos da língua, que diz respeito à macrolinguística e à microlinguística, respectivamente. Sobre essa distinção da subdivisão da linguística, Hernández Campoy & Almeida (2005) acrescentam que além das duas citadas, há ainda a pré-linguística. De acordo com esses últimos autores, a pré-linguística tem a fonética como objeto de estudo; a microlinguística tem uma abordagem mais estreita e dá conta da estrutura dos sistemas linguísticos, e a macrolinguística, que possui um princípio mais amplo, passa a se importar com o uso da língua e as relações entre língua e sociedade, onde se situam disciplinas como a Estilística, a Psicolinguística, a Pragmática e Sociolinguística. De forma mais clara, podemos visualizar essas distinções a partir da figura 1 que elaboramos:

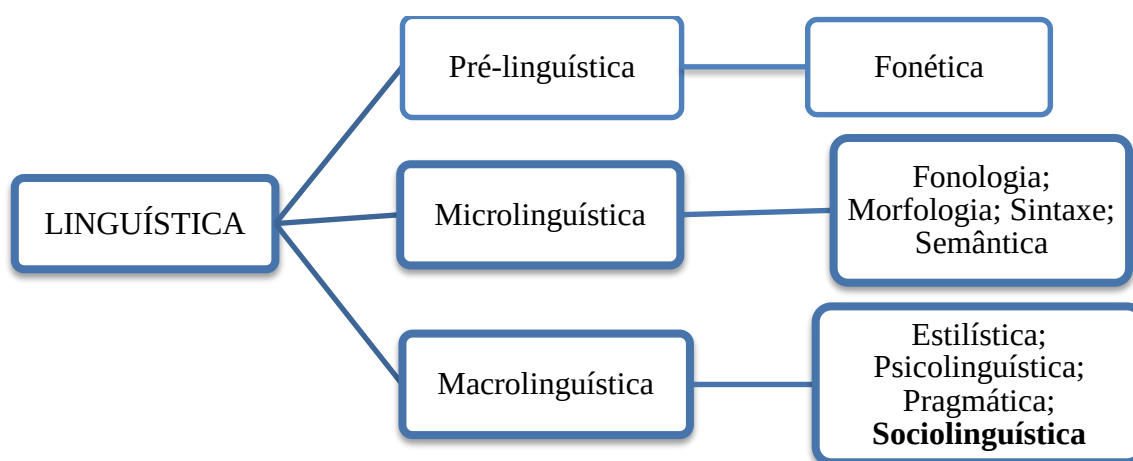


Figura 1: Ramificação da Linguística

A partir do conhecimento da macrolinguística, os estudos da ciência linguística ganham um paradigma de estudo mais amplo, que passam a valorizar o uso da língua e englobam as

características externas à língua. Como já foi dito anteriormente neste trabalho, pretendemos expor considerações acerca do processo variacionista do segmento consonantal da nasal palatal, e os estudos de variação da língua são discutidos na Sociolinguística, um dos componentes da Macrolinguística que, como vimos, incorpora o comportamento social nos estudos da língua.

A compreensão da sociolinguística pode se tornar mais clara ao observarmos a nossa própria língua, o português brasileiro¹, que apresenta inúmeras diferenças dialetais e que são facilmente encontradas.

A língua falada no Brasil apresenta uma grande diversidade na linguagem dos indivíduos, e isso pode ser considerado em consequência das influências linguísticas, sociais e culturais que esse país recebeu ao longo de sua formação. Assim, por ser dinâmica, a língua é heterogênea e pode adquirir novas possibilidades léxicas, fonológicas, sintáticas e morfológicas a todo o momento em que seus usuários se comunicam através de traços linguísticos distintos.

Na medida em que a língua está sendo utilizada, ela está suscetível a que os falantes modifiquem, alterem a pronúncia, a organização das palavras de uma frase, criem gírias etc. É a partir do uso da língua que podem surgir as variações, assim como Weinreich (2006) afirma, ao se basear nos postulados de Paul (1880), ao deixar claro que é a observação do uso linguístico de cada indivíduo que fornece indícios para comprovar uma variação ou até uma mudança na língua: “O verdadeiro objeto do linguista é a totalidade das manifestações de fala em todos os indivíduos em sua interação mútua” (PAUL, 1880, p. 25, *apud* WEINREICH, 2006, p. 40).

Um estudo voltado para a observação do uso real da língua faz com que reconheçamos a linguística como o estudo que pretende descrever as línguas, e não, prescrever a forma correta e estigmatizar o que estaria errado de acordo com a gramática tradicional. A proposta de enxergar a língua como passível de variação a qualquer momento, a partir de qualquer falante e em distintos lugares do mundo, é que circunda o nosso trabalho.

A compreensão de um texto envolve não só aquilo que está escrito, o linguístico, mas também importa o aspecto cognitivo e social para que o sentido seja produzido. Defender que a língua é um sistema variável, é admitir que esta é uma atividade que se constroi a partir da interação e do social e é, portanto, heterogênea. Essa nova perspectiva de analisar a língua surge em contraste com o Gerativismo, corrente de estudos linguísticos que surgiu em meados dos

¹ A escolha de definir a língua falada em nosso país como português brasileiro, e não apenas “português”, deve-se ao conhecimento exposto por Ilari & Basso (2011) de que o português falado no Brasil tem diferenças lexicais, fonéticas entre outras muito fortes em relação ao português falado na Europa. Por estarmos discutindo sobre a diversidade linguística, é pertinente que nos refiramos ao português brasileiro, como a língua falada em nosso país.

anos 50, que reconhece que as regras da língua são biológicas. Para os sociolinguistas, as regras são variáveis e os fatores extralinguísticos interferem na linguagem humana.

A partir dos estudos de William Labov, na década de 60, é que a sociolinguística passa a ter impacto nos estudos relacionados à linguagem e, assim, firma-se como uma ramificação da Linguística que envolve a estrutura da palavra com fatores externos à língua e se preocupa em descrever o uso real da produção linguística e suas motivações sociais. A partir de um estudo prático de pesquisa realizado com entrevistas, em seu trabalho cujo título é *A Estratificação Social do (r) nas Lojas de Departamentos na Cidade de Nova York*, Labov demonstrou o efeito das variáveis sociais que interferem no uso da língua como, no caso específico de seu estudo, a classe social que dispõe de certas características próprias da língua falada dos americanos na cidade de Nova York. Sendo assim, os estudos de Labov nos permite compreender que a fala dos indivíduos revela particularidades do contexto social de cada um.

Com isto, podemos compartilhar algumas definições de Hora (2004, p. 18), para a Teoria da Variação da língua (que revela os estudos sociolinguísticos):

Situa-se em relação ao conjunto língua e sociedade, considerando a variedade das formas em uso como objeto complexo, decorrente dos fatores internos, próprios do sistema linguístico, e dos fatores sociais que interagem no ato da comunicação. A variação da língua constitui, portanto, um dado relevante da teoria e da descrição sociolinguística.

A sociolinguística ainda pode ser definida, de forma mais ampla, como: “a sociolinguística es una ciencia interdisciplinar que se ocupa de las relaciones existentes entre el lenguaje y la sociedad.”² (HERNANDÉZ CAMPOY & ALMEIDA, 2005, p. 01); E para Cezario & Votre (2008) “a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística” (op. cit., p. 141). A partir das definições acima, percebe-se que o estudo da língua está diretamente ligado ao contexto situacional, à cultura e à história dos usuários da língua e, assim, se preocupa em considerar tanto os fatores linguísticos, quanto os extralinguísticos em seus estudos.

A variação pode ser notada a partir de fatores internos à própria língua no nível morfológico ou fonético, por exemplo, que são conhecidos por serem os fatores linguísticos ou

² As traduções presentes nesse trabalho de pesquisa, a fim de facilitar a compreensão do leitor, foram realizadas pela pesquisadora e são de sua responsabilidade. Com isso, tem-se a tradução referente à frase em destaque: A sociolinguística é uma ciência interdisciplinar que se ocupa das relações existentes entre a linguagem e a sociedade.

estruturais. E, como sabemos, os estudos sociolinguísticos consideram os fatores extralinguísticos como relevantes para a manifestação de diversos usos da língua e, sobre isso, podemos citar alguns fatores sociais que contribuem para a heterogeneidade da língua, a saber, a origem geográfica, o status socioeconômico, o grau de escolarização, a idade, o sexo, o mercado de trabalho, entre outros.

Os estudos do precursor da sociolinguística variacionista (Labov) indicaram que a classe social e a raça são fatores extralinguísticos influentes na formação de novos usos da língua. Porém, esses elementos funcionam com mais eficiência em países que tem uma diferença de classes bem marcada, como nos Estados Unidos, onde foi realizada a pesquisa de Labov. No Brasil é mais comum percebermos que os fatores que mais ponderam nos estudos de variação são a faixa de escolarização e/ou faixa etária, entre outros, do que classe social, conforme podemos observar nas pesquisas de Hora (2006), Tarallo (2007), Freire (2011), dentre outros.

Além de haver indivíduos que possuem uma maneira de falar distinta entre si, Labov (2008) aponta que os falantes não possuem um único estilo de fala, uma vez que se adequam ao ambiente de interação verbal. Assim, dependendo do grau de intimidade entre os interlocutores, da formalidade da situação ou do tipo de registro (escrito ou falado), há um monitoramento estilístico³, pois os falantes tendem a adequar seu comportamento verbal à situação de comunicação.

É importante lembrar que, para a sociolinguística variacionista, a variação é produzida no vernáculo, ou seja, nos momentos de fala espontânea, menos policiada: “a fala mais sistemática, onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente. (...) a observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística”. (LABOV, 2008, p. 244). Então, mesmo com a percepção de que os falantes podem modificar a forma de falar para se adequar aos contextos comunicativo, as situações que permitem o uso da fala espontânea fazem com que possamos observar os usos variados que estão sendo utilizados na língua.

No ato da comunicação, um indivíduo pode escolher um código para se identificar com outros falantes ao adotar uma língua específica, um sotaque, um registro etc. E será a partir do

³ Vale salientar que o monitoramento estilístico depende do grau de letramento dos falantes, uma vez que indivíduos que não tiveram a oportunidade de lidar com a leitura e a escrita e conhecer os diversos gêneros textuais não terão o mesmo desempenho de indivíduos que tiveram essas oportunidades. Se um indivíduo tem um grau de letramento mais elevado, consegue lidar melhor com as diversas situações orais e textuais e pode monitorar sua fala e/ou escrita.

contato linguístico de grupos em comum que uma determinada variante irá se sobressair. Como os grupos podem compartilhar, por exemplo, uma mesma profissão, uma mesma área geográfica, ou faixas etárias diferentes, novas formas linguísticas podem passar a serem usadas para se adequar à comunicação dos falantes, daí a importância de reconhecer os fatores sociais nos estudos da língua.

Tarallo (2007) demonstra que os fatores extralinguísticos colaboram para definir o estilo do falante, pois, a partir dos traços sociais dos indivíduos, poderemos caracterizar o estilo das comunidades de fala ao afirmar que “é somente através da correlação entre fatores linguísticos e não linguísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída. Cada comunidade de fala é única; cada falante é um caso individual” (op. cit., p. 62).

1.2. A comunidade de fala

Como foi apresentado em nossas considerações iniciais, nossa pesquisa busca analisar como um fonema específico está sendo utilizado pelos usuários da língua em um grupo de pessoas, e, devido a isso, vale tecer algumas considerações teóricas acerca dos estudos de uma comunidade de fala.

O que determina a variação na língua são as variáveis que se relacionam com a linguagem, mas é importante destacar que os fatores sociais não atuam de forma regular em todas as comunidades. Em uma observação qualquer de um fato linguístico variável, o sexo ou a idade podem ter um peso maior do que classe social, por exemplo. Um fator que seja determinante em uma comunidade, em um caso específico de variação, pode não funcionar da mesma maneira em outra comunidade. Isso se deve ao fato de que a cultura influencia nas características de uma língua:

Em efecto, los factores sociales no tienen por qué funcionar de igual manera en todas las comunidades (...). Por eso las investigaciones sociolingüísticas deben ir precedidas de un análisis sociológico de la comunidad y de estudios exploratorios que permitan comprobar cuáles son las que previsiblemente pueden influir más en el uso social de la lengua⁴. (FERNÁNDEZ, 1998, p. 34)

⁴ Em efeito, os fatores sociais não têm que funcionar da mesma forma em todas as comunidades (...). Por isso, as pesquisas sociolingüísticas devem ser precedidas de uma análise sociológica da comunidade e dos estudos

A realidade sociológica de cada comunidade de estudo é significativamente expressiva para o estudo de observação de variação da língua. Isso faz com que nosso olhar tenha que ser sempre específico para determinada comunidade de fala, ao realizarmos um estudo nessa dimensão.

A exemplo do que já expomos anteriormente, em nossa pesquisa, sobre o conhecimento de que em nosso próprio país não há um só conjunto de pessoas que empregam a língua da mesma forma, fica evidente que o estudo laboviano sobre o conceito de comunidade de fala é propício para a realidade social em que vivemos, haja vista que no Brasil há diversas comunidades de fala. Labov (2008, p. 21)⁵ acredita que a interação social tem um forte papel no processo de variação da língua que, possivelmente, pode provocar uma mudança linguística: “O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”. A partir disso, nosso trabalho entra em acordo com os propósitos de Labov para seus estudos, em razão de que partilhamos da compreensão de que o estudo descritivo da língua deve ser relacionado com o contexto social dos falantes.

Sobre a definição de uma comunidade de fala, acreditamos que possa ser interpretada não só como um grupo de pessoas que compartilham a mesma língua, mas que seja algo mais específico. Ainda que os falantes se comuniquem pela mesma língua, pode haver diferenças sutis e específicas entre os grupos, pois levamos em consideração que a cultura de cada grupo social interfere no modo de falar dos indivíduos. Nosso trabalho segue com a compreensão de Calvet e Gumpertz, citada por Camacho (2013), que acreditam que a comunidade de fala possa ser definida como “um agregado humano que realiza interações regulares e frequentes usando um conjunto compartilhado de signos verbais. Esse agregado se identifica e se distingue de outros similares mediante diferenças significativas de uso.” (CAMACHO, 2013, p. 251).

Devido às semelhanças que carregam, os membros de uma comunidade de fala se reconhecem e entram em consenso nas regras de uso da língua. Portanto, se um estudo

exploratórios que permitam comprovar quais são os fatores que, provavelmente, podem influenciar no uso social da língua.

⁵ Esse livro de Labov refere-se à edição de 2008 da tradução que Marcos Bagno realizou de *Padrões Sociolinguísticos*, livro publicado por William Labov em 1972, que representa o estabelecimento dos estudos que relacionam linguagem e sociedade. Labov traz à tona a importância da observação da fala para os estudos descritivos da língua.

sociolinguístico pretende verificar a ocorrência de determinado traço variante na língua, é importante considerar a comunidade de fala que utiliza esse traço, pois nem todos os falantes de uma língua se valerão de determinada variedade, mas uma comunidade que compartilha uma cultura em comum pode revelar a existência de uma variedade linguística.

1.3. A pesquisa sociolinguística

Posto o que vimos nas seções anteriores, o interesse vital da Sociolinguística é descrever a condição da língua em uma determinada comunidade de fala através da correlação entre o sistema linguísticos e os fatores externos e/ou sociais que demonstram a heterogeneidade da língua. Inserido nesses estudos, há a Sociolinguística Variacionista que se trata de um método teórico-metodológico mais restrito, mais voltado para a quantificação dos estudos linguísticos, também conhecido por Sociolinguística Quantitativa, que teve Labov como grande precursor desse tipo de estudo. Sobre essa área de estudo da linguagem, Cezario & Votre (2008, p. 142) afirmam que: “possui uma metodologia bem delimitada que fornece ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis, para coleta e codificação dos dados, bem como instrumentos computacionais para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar”. A partir desse viés, é possível realizar um estudo de pesquisa sociolinguística, em que o resultado da quantificação dos dados revela o status das variáveis linguísticas.

Uma pesquisa sociolinguística deve desempenhar um trabalho bem detalhado no que diz respeito à sua metodologia, pois, ao analisar um fenômeno, é preciso que o pesquisador descreva cada passo, uma vez que é a observação dos dados detalhados que reflete o uso da língua em determinado contexto social. Camacho (2013, p. 37) ratifica que um trabalho com a linguística deve ser bem destrinchado, pois se apoia na “necessidade de estabelecer uma seleção entre os fenômenos da realidade passíveis de descrição”. Cada passo da pesquisa pode interferir em seu resultado, então, estabelecer uma organização, é imprescindível para que se obtenha bons dados.

Nesse tipo de pesquisa observamos, portanto, a variação de um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos que ilustra o caráter adaptativo da língua. Por conseguinte, dois conceitos – que englobam os fatores linguísticos e extralinguísticos – fazem-se fundamentais para realizar uma pesquisa sociolinguística: *variável* e *variante*. Sobre a variável, pode ser visto, de acordo com Cezario & Votre (2008), que “cabe ao linguista estabelecer através da análise quais são as variáveis linguísticas relevantes para a descrição e

interpretação do fenômeno que está estudando” (op. cit., p. 143). Sobre esse fenômeno, Labov (2008) sustenta que é diferencial a escolha de uma variável que seja frequente, estrutural, e estratificada, como pode ser visto abaixo:

Primeiro, queremos um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade. (LABOV, 2008, p. 26).

Damos um destaque maior à noção de *variável* pelo fato de que este fenômeno representou uma importante transição para o enfoque social da linguagem, como mostra Camacho (2013, p. 48) ao apresentar que “a consideração da variável como unidade estrutural representou uma ruptura com a tradição recente e um momento de renovação teórico-metodológica na linguística contemporânea”. Ainda segundo esse autor, é a partir desse conceito que passamos a reconhecer que podemos utilizar uma unidade linguística de forma diferente e em contextos variados.

Sobre esse fenômeno, vê-se que este se subdivide em variável *dependente* e variável *independente*. A variável *dependente* reporta-se à construção linguística que apresenta realizações que variam, é o fenômeno a ser estudado. E a variável *independente* diz respeito ao grupo de fatores linguísticos ou sociais que influenciam o uso de determinado fenômeno como uma regra variável.

Já o outro conceito importante para a sociolinguística, a variante, são as formas linguísticas em variação, ou seja, as possibilidades que um falante tem de se referir a uma só realização linguística de diversas maneiras. Segundo Cezario & Votre (2008, p. 142), “a sociolinguística consegue medir o número de ocorrências de usos de uma variante e, sobretudo, fazer previsões sobre as principais tendências de uso em relação a essa variante”. A definição de Tarallo (2007, p. 8) sintetiza bem o que significa esses conceitos essenciais da Sociolinguística Variacionista e demonstra, ainda, a relação entre elas: “variantes linguísticas são (...) diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’”.

Labov (2008) firmou a importância no papel dos fatores sociais para a linguística ao revelar que o estudo dos valores sociais reflete, verdadeiramente, como a língua está funcionando na sociedade. Para esse autor, é revelador para a língua a análise das falas dos usuários, pois estão carregadas de características culturais e, assim, não são regras linguísticas que definem a maneira com que os indivíduos usam a língua, como podemos comprovar em sua afirmação:

A estrutura linguística e a estrutura social não são de modo algum coextensivas. A grande maioria das regras linguísticas estão (SIC) bastante distantes de qualquer valor social; elas fazem parte do elaborado mecanismo de que o falante precisa para traduzir seu complexo conjunto de significados ou intenções em forma linear. (LABOV, 2008, p. 290)

O comportamento social define as diversas maneiras dos falantes interpretarem a realidade e traduzirem isso através da língua, e só a partir da compreensão da função social para a linguagem que percebemos a importância dos usos de novas formas linguísticas, até porque, essas novas formas podem provocar uma possível mudança na língua.

Qualquer estudioso sociolinguista ratifica que a variação pode ser encontrada tanto em contextos orais, quanto escritos, e é de fundamental importância analisarmos as diferenças encontradas entre a língua que estudamos e a língua que falamos. Labov (2008) comprova isso a partir do trabalho realizado em *Padrões Sociolinguísticos* (livro que contempla o trabalho de dissertação e tese do linguista), no qual ele detém seus estudos na observação da fala de usuários da língua e, assim, dá seu juízo de valor a respeito da variação. Camacho (2013) também demonstra que trabalhar com fala é uma possibilidade enriquecedora para a sociolinguística.

A coleta de dados de um estudo variacionista é o que mais intimida os estudiosos por se tratar de um trabalho bastante árduo, em comparação aos estudos de outras áreas da linguística. A sociolinguística permite a análise da língua escrita e oral, e os dados de fala, por exemplo, podem ser colhidos a partir de gravação, um método de investigação de pesquisa que exige muito cuidado, pois os informantes podem se sentir intimidados com a presença de um gravador e, devido a isto, não utilizarem a língua como de costume, mas monitorando sua fala sem muita naturalidade.

Essa consideração nos faz chegar a uma definição de Labov, conhecida por “paradoxo do observador”: em uma pesquisa variacionista o estudioso tem a intenção de catalogar os dados espontâneos de fala que os usuários da língua falam sem serem observados, mas é só a partir de uma observação sistemática da fala que o pesquisador irá obter os dados. Eis o dilema do

pesquisador sociolinguista, além de condições externas como os ruídos externos do ambiente a ser gravado que podem interferir na qualidade do som. A fim de superar esse possível problema que pode ser encontrado nas pesquisas, Labov (2008) informa que a solução para o paradoxo do observador é fazer com que o entrevistado se sinta mais à vontade com a situação: “uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja” (op. cit., p. 244). E isso pode ser realizado a partir de pausas, intervalos, perguntas inesperadas que geram fortes emoções no informante, ou seja, o entrevistador tem que buscar soluções práticas para que os informantes fiquem à vontade com o momento da entrevista e utilizem seus usos mais espontâneos da língua.

Como vimos, ao realizar uma pesquisa sociolinguística, o estudioso deve observar os usos linguísticos de uma determinada comunidade e perceber os fatores sociais, ou extralinguísticos, que motivam a diversidade da língua, para categorizar os dados. De acordo com Belini (2012), ao fazer uma análise baseada na sociolinguística, deve-se trabalhar com a quantificação de dados para observar com que frequência um determinado uso da língua está ocorrendo na fala dos indivíduos. Afinal, o estudioso que se determina a fazer um trabalho como esse precisa de bastante empenho:

o trabalho do sociolinguista seria um tanto braçal, uma vez que ele teria a tarefa de estabelecer os limites de uma comunidade de fala, estudando a proporção com que diferentes variantes linguísticas são usadas e diferentes comunidades e verificando que comunidades são, linguisticamente, mais próximas entre si e quais são mais distantes. (op. cit., p. 138)

Ao quantificar os dados, o pesquisador verificará os valores percentuais de ocorrência de uma variação, como também os pesos relativos, valores de zero a um, que indicam “o peso com que um fator (linguístico ou extralinguístico) influencia o uso de uma variante, em relação a todos os fatores levados em conta na observação de um fenômeno de variação linguística” (BELINI, 2012, p. 132). Esse conceito é importante em uma análise porque é a partir dele que podemos verificar se determinado fator favorece o uso de uma variante.

Além disso, os estudos que seguem essa ótica podem ser encontrados nas análises de variantes binárias, que, assim como foi exposto nas considerações iniciais de nossa pesquisa, estabelece os pesos relativos com fenômenos de duas variantes. Ao expressarmos que os dados de uma pesquisa sociolinguística indicam variantes binárias, queremos exprimir que foram encontradas duas possibilidades de uma variável se comportar e se manifestar na língua falada.

Quando um programa computacional, destinado a estabelecer esses dados estatísticos, demonstra valores de peso relativo abaixo de 0,50 para um determinado fator, podemos considerá-lo como desfavorecedor. Já quando os valores forem acima desse número, consideramos como favorecedores para a variação linguística de um determinado fenômeno da língua.

Ainda nos estudos de Fiorin (2012), acerca de variantes binárias, podemos compreender isso, quando ele afirma que, se o peso der um número próximo de zero o fator desfavorece o uso da variante, se for igual a 0,5 é neutro e se for próximo de 1 favorece o uso da variante. Sendo assim, os estudiosos não deverão se deter apenas na observação de uma variação linguística e tecer considerações sobre a ocorrência, mas é necessário, também, descrever os números da ocorrência com sua porcentagem e peso relativo para que seja verificado se uma regra é aplicável ou não, e qual a sua relação com os fatores sociais.

Os estudos sociolinguísticos nos mostram que há diversos fatores que ajudam a determinar e classificar a variação na língua e que, possivelmente, ocasionam a mudança na língua, mas, para que isso ocorra, as manifestações linguísticas variáveis precisam estar em uso pelos falantes. Azeredo (2011) também aponta que os falantes sentem a necessidade de criar novas expressões linguísticas e que essas se adaptam às necessidades de uso de seus usuários.

Dessa forma, percebe-se a relevância de se estudar os usos de fala da língua, uma vez o vernáculo dos brasileiros pode apresentar manifestações variadas que podem constituir uma possível mudança na língua. Isto se trata de um processo lento e gradual, mas só poderemos verificá-lo se houver o registro atual da variação na língua dos indivíduos.

1.4. Variação fonético-fonológica

As pesquisas sociolinguísticas podem se especificar em algum tipo de variação e podem ser verificadas nos níveis da língua. Há, por exemplo, estudos que se restrinjam a observar as mudanças morfológicas e sintáticas da língua (variação gramatical)⁶, ou a observar as variações que são encontradas na língua a partir do princípio da sinonímia, conhecida como variação léxica. Há, ainda, estudos que revelem uma diferenciação fonética na fala dos indivíduos, isto

⁶ Essa classificação dos tipos de variação (fonético-fonológica, semântica e gramatical) segue o que foi indicado por Fernández (1998), cuja referência é encontrada no final deste trabalho. Mas vale apontar que existem outros tipos de classificação, como a de Bagno (2007), que acrescenta a variação semântica, a estilístico-pragmática, e desmembra a gramatical de Fernández em dois tipos, variação morfológica e variação sintática.

é, a variação fonético-fonológica, que se ocupa em analisar as diversas formas que existem de se dizer uma mesma palavra, mas pronunciando sons diferentes, que não interferem no significado da mesma. Um exemplo prático desse último tipo de variação pode ser encontrado no Brasil, com o fonema /r/, em que uma palavra como *porta* pode receber diversas pronúncias a depender da região em que os falantes utilizam a língua. Fernández (1998) pontua que esse tipo de variação é relativamente mais fácil de ser estudado devida a alternância dos elementos fonéticos que não provocam nenhuma mudança de significado nas palavras.

A variação fonético-fonológica se dedica, portanto, mais profundamente, à língua falada, que, segundo Tarallo (2007), corresponde a forma de expressão em que prestamos o mínimo de atenção, uma fala menos policiada, ou “o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face” (op. cit., p. 19).

Os estudos que deram início à sociolinguística, que foram elaborados por William Labov em meados dos anos 60, foram desenvolvidos a partir de uma visão fonético-fonológica, haja vista que o autor realizou gravações da fala de indivíduos que frequentavam lojas diferentes (a exemplo do trabalho desenvolvido em “*A Estratificação Social do (r) nas Lojas de Departamentos na Cidade de Nova York*”. A partir desse trabalho, o autor manifesta o seu caminho especial de percorrer com a linguística, que é com suporte na observação da fala e a relação com o contexto social de cada indivíduo que gera em uma expressão do pensamento mais direta. A fala, diferentemente da escrita, não permite que os sujeitos passem por um tempo de planejamento, para que o texto seja executado da forma mais clara possível. Ao contrário, é a nossa forma de expressão menos monitorada.

Acerca da opção de estudar a variação a partir da observação dos sons da língua, Labov descreve que: “Os sistemas fonológicos exibem o mais alto grau de estrutura interna de todos os sistemas linguísticos e, com isso, oferecem ao pesquisador uma extensa série de resultados paralelos e convergentes” (LABOV, 2008, p. 140). Ou seja, para esse autor, é a partir de dados do sistema sonoro de uma língua que somos capazes de perceber uma grande quantidade de dados que podem revelar variação linguística, e de forma espontânea, tendo em vista que a fala corresponde ao uso mais imediato e espontâneo da língua.

Fernández (1998) dá exemplos de variação fonético-fonológica encontrados na língua espanhola, mas o conhecimento sociolinguístico possibilita que verifiquemos que alguns casos desse tipo de variação também podem ser encontrados no português brasileiro, a exemplo do que se verifica com o lexema de –s, em que, ora, os falantes pronunciam o fonema [s] no fim das palavras, ora não o fazem. Exemplos de ocorrências com essa descrição podem ser

encontrados em palavras como *mais*, *Jesus*, ou *dois* que podem ser produzidas sem o lexema – s, e, assim sendo, suas variações seriam encontradas, respectivamente, como *mai*, *Jesui* e *doi* – que poderiam ser descritas foneticamente, dentre outras possíveis pronúncias, como [‘maj], [ʒɛ’zuj] e [‘doj], respectivamente.

No Brasil é bastante comum encontrarmos falantes pronunciando o plural das palavras apenas nos artigos e deixando os substantivos na forma singular, como na distinção entre *as casas* x *as casa*. Estudos revelam que os falantes usam a língua dessa forma porque têm a consciência de que certas modificações fonéticas nas palavras não irão alterar o significado das mesmas: “o falante tem consciência de que marcar pluralidade tem um valor simbólico na economia das relações econômicas e sociais como um resultado da atribuição do valor de prestígio de que goza a norma-padrão” (CAMACHO, 2013, p. 228). A partir disso, é possível pensarmos que essa consciência do falante pode ocorrer não só com a pluralidade das palavras, mas também os falantes podem apagar algum outro fonema que não modifique o significado de uma palavra qualquer. Com base no que foi dito, acreditamos que os falantes não têm uma consciência do funcionamento do sistema fonológico da língua, mas que eles têm uma noção social, do que determinada variante pode implicar dentro do contexto social, e, assim, se comunicarem a partir de usos variados, tendo a consciência de que não irá interferir no entendimento de uma comunicação.

Ao se basear nos estudos de López Morales, Fernández (1998) apresenta os três grupos de fatores linguísticos que podem determinar a variação fonético-fonológica que são os *distribucionais*, os *contextuais* e os *funcionais*. A explicação de cada um desses fatores, dada pelo autor, pode ser observada a seguir:

Los factores distribucionales tienen que ver con el lugar en que aparece el fonema: posición inicial de sílaba, final de sílaba interior de palabra, final de sílaba y final de palabra, etc. Los factores contextuales están conformados por los elementos que anteceden y siguen a la variable: consoante antepuesta o pospuesta, pausa. Los factores funcionales se refieren a la naturaliza de las categorías gramaticales en las que se incluye la variable: función gramatical, tipo de morfema, lugar en la curva de entonación, etc⁷. (FERNÁNDEZ, 1998, p. 22)

⁷ Os fatores distribucionais têm a ver com o lugar em que o fonema aparece: posição inicial de sílaba, final de sílaba dentro da palavra, sílaba final e final de palavra etc. Fatores contextuais são compostos por elementos que antecedem e seguem a variável: consoante preposta ou posposta, pausa. Os fatores funcionais se referem à natureza das categorias gramaticais em que a variável está incluída: função gramatical, o tipo de morfema, lugar na curva de entonação etc.

É importante frisar que o campo da variação fonético-fonológica também apresenta suas dificuldades, que desde Labov já eram citadas. O estudioso apontou que o estudo da fala é o objeto de interesse mais difícil para a linguística e, vale salientar, que o posicionamento dele foi escrito em meados dos anos 60, mas que ainda se aplica nos dias de hoje.

Labov (2008) apresenta quatro dificuldades que os estudiosos da língua sentem ao investigar a oralidade, que são: a agramaticalidade da fala, devido às dificuldades de desempenho em frases malformadas durante a oralidade; a variação na fala e na comunidade de fala que contempla diversas formas de dizer uma coisa só; as dificuldades no momento de ouvir e gravar a fala dos indivíduos; e a raridade de encontrar dados das formas sintáticas mais raras. O autor dá um destaque para as dificuldades encontradas ao gravar os informantes de pesquisa, pois no momento em que o pesquisador busca dados de fala é comum que o faça a partir de gravações e, isso causa, de forma desmedida, um acanhamento no falante que se sente intimidado pelo gravador. Às vezes, o entrevistado muda a maneira como se expressa, modificando pronúncia, falando pausadamente etc.

Como vimos, então, muitas vezes, devido a alguns obstáculos, o estudo da fala é deixado de lado. Mas que, obviamente, para cada problema há uma solução. E da mesma forma que há essas dificuldades do estudo da língua falada, há também em outros estudos no campo da linguística. No que diz respeito ao que consideramos o maior empecilho de um estudo com a fala, o *constrangimento em virtude do gravador*, Labov (2008) deixa claro que é importante que o pesquisador faça com que a entrevista ocorra de maneira natural, sem realizar apenas perguntas premeditadas, sem tornar a entrevista tão formal, estimulando a conversação casual para que desvie a atenção do entrevistado e, assim, que as respostas se aproximem do vernáculo.

Sobre a agramaticalidade da fala, Labov afirma que isso pode ser considerado um mito, pois ao realizar estudos empíricos, foi percebido que a porcentagem de frases malformadas era irrisória e que, geralmente, está relacionada a algum assunto no qual o entrevistado não tenha conhecimento. Então, mais uma vez é importante frisar o destaque de conhecer o contexto social dos entrevistados, para que as perguntas não sejam completamente distantes da realidade deles. Quanto à existência de diversas estruturas variáveis e heterogêneas na língua, devemos tratar isso com naturalidade, pois na língua não há um só estilo e todos os indivíduos falam uma língua impregnada com fatores sociais que geram a variação.

Já para superar a dificuldade de resolver a raridade das formas gramaticais, Labov recomenda que o pesquisador deve ter um grande conhecimento das formas gramaticais e,

também, é papel do linguista “se engajar numa conversa normal com o informante e ser capaz de elicitar o uso natural de dada forma sem usá-la ele mesmo” (LABOV, 2008, p. 239).

Apesar das adversidades que um pesquisador pode se deparar ao realizar um estudo sob o princípio teórico da Sociolinguística Variacionista, esse tipo de pesquisa permite que sejam feitas quantificações dos dados linguísticos, que contribuem para comprovarmos como a língua está sendo usada pelos falantes, se há variação, ou não.

Nesse sentido, o suporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista fornece conhecimento adequado para que possamos, a partir da quantificação de dados, descrever como um determinado fenômeno da língua está sendo realizado pelos usuários da língua e quais os fatores estruturais e sociais que são relevantes no processo de variação.

O estudo apresentado nesse capítulo procurou demonstrar que estudos comprovam que a língua é heterogênea e, na medida que está sendo utilizada, está passível de alterações fonéticas, sintáticas, morfológicas, pelos falantes de uma comunidade de fala. A partir dos postulados da Teoria da Variação Linguística, vimos a importância de relacionar os fatores internos e externos à língua, assim como verificamos detalhes da realização de uma pesquisa sociolinguística.

CAPÍTULO II – Abordagens sobre as palatais

2.1. Caracterização da nasal palatal

Dentre os procedimentos que podem ser feitos para realizar um estudo com a variação linguística, há a observação da fala espontânea dos indivíduos, conforme foi visto na seção anterior. No meio oral, há um menor policiamento na linguagem, devido ao imediatismo do meio de comunicação, e as pessoas tendem a utilizar formas mais variáveis da linguagem. Na observação da fala, podemos perceber que alguns fonemas são, por vezes, pronunciados de formas distintas. Diversos são os trabalhos que comprovam a ausência de plural (caracterizado pela ausência do fonema que representa o plural em determinada palavra), a troca de letras em uma palavra, entre outros fenômenos de variação.

Como foi visto, o objetivo do nosso trabalho é observar a variação do fonema /ɲ/, o segmento consonantal nasal palatal. Para isso, é importante destrincharmos as características desse fonema, a fim de que possamos identificar suas articulações que podem justificar as possíveis variações desses sons.

De acordo com Camara Jr (2013), o fonema específico de nosso estudo caracteriza-se por ser intervocálico, ou “molhado”, por definição do autor. Dificilmente essas consoantes aparecerão no início de sílaba, à exceção de *nhoque* que, segundo o autor, é um exemplo claro de um fonema “molhado” em posição inicial. No mais, Camara Jr (2013) informa que esse fonema é *palatal*, uma vez que é articulado com o médio-dorso da língua e com o palato médio. Além disso, o autor ainda caracteriza /ɲ/ como um fonema posterior: “considerando o ponto extremo da câmara de ressonância como indo desde o palato médio até a parte mais funda da boca, classificaremos como posteriores a nasal e a lateral palatal (/n/ e /l/), respectivamente” (op. cit., p. 50).

Incorporado ao sistema consonantal do português, há uma série de sons foneticamente semelhantes e, assim, podem ocorrer, por vezes, alterações puramente fonéticas, por conta de questões do contexto fonético-fonológico, entre sons análogos, de acordo com o nível psicológico do falante-ouvinte.

Cristófar-Silva (2013) acredita que as alterações entre fonemas semelhantes podem ser realizadas por uma espécie de variação. No que diz respeito à distribuição da nasal palatal /ɲ/, Cristófar-Silva (2013) aponta que as variantes encontradas desse fonema específico são

representantes de uma pronúncia possível de falantes que residem tanto no Sudeste do Brasil, quanto em Belém do Pará. A autora alerta que essas variantes desse fonema, como os [ɲ], [ỹ], [nʲ], podem não ser encontradas em todos os idioletos, então é sempre importante observar o dialeto dos falantes para poder caracterizar um quadro de variantes para determinado fonema. E algo importante a se considerar sobre essa alternância de fonemas é que, independente da escolha do falante, a comunicação será estabelecida com entendimento com as variantes citadas, devido a semelhança da articulação dos sons entre elas.

2.2. Abordagens sobre o tema

Poucas são as pesquisas que se dedicam a descrever a variação do segmento consonantal nasal palatal /ɲ/ no português brasileiro. A maioria dos trabalhos encontrados analisa não só esse, mas também a lateral palatal /ɲ̃/ e procura realizar uma análise mais fonológica do que puramente sociolinguística.

Os trabalhos analisados, descritos a seguir, comungam no que diz respeito à verificação metodológica das variáveis, ao considerarem que, tanto a nasal palatal quanto a lateral palatal são regras variáveis. De modo geral, percebe-se que os autores selecionaram as mesmas variáveis sociais para seus estudos, que foram o sexo, faixa etária e anos de escolarização dos falantes. Essas variáveis sociais são as mais comumente encontradas nos trabalhos de sociolinguística variacionista em nosso país, pois exercem maior influência no processo variável, como vimos no capítulo anterior. Além dessas, há as variáveis estruturais, que são outra variável independente que pode influenciar na variação de nosso fenômeno em questão. Dentre as estruturais, foi observado que os autores utilizam fatores semelhantes, em suas pesquisas, como: o contexto fonológico que precede e antecede às consoantes palatais, a tonicidade (ao verificar se as consoantes se localizam em posição tônica, pretônica ou pós-tônica), assim como o número de sílabas do vocábulo.

A pesquisa de Pinheiro (2010) apresenta a variação do fonema /ɲ/, a partir de exemplos retirados da fala de pessoas que residem em Belo Horizonte, local onde ela realizou o estudo. De acordo com esses exemplos, surge a primeira hipótese de que a nasal palatal pode ser apagada em um vocábulo, quando este encontra-se no meio da palavra, e, em seu lugar, passa

a existir um ditongo crescente e decrescente com o acréscimo da semivogal [y]⁸. Quando a nasal palatal se encontra na última sílaba da palavra, há um apagamento da última sílaba com o segmento e a vogal que antecede a consoante palatal passa a ser nasalizada. Para facilitar a explicação seguem abaixo os primeiros exemplos do estudo de Pinheiro (2010):

(3) “Nós saímos pra pescar [pi’rãɣə], na bendita voadeira.” (Informante SRFF)⁹

(4) “Aí a gente vai pra lá, é um [lugah’zĩ] muito bom também.” (Informante FaCas)

Como pode ser visto acima, as palavras que sofreram variação são as que estão transcritas foneticamente, que são, respectivamente, “[pi’rãɣə]” (variação de *piranha*) e “[lugah’zĩ]” (variação de *lugarzinho*). A partir dessa demonstração, podemos perceber a elisão dos fonemas palatais nas palavras que, ora pode ser caracterizado apenas pela nasalização da vogal anterior à consoante palatal, ora pode ser acrescentada também uma semivogal. E, ainda assim, há total entendimento de que palavra o falante quis expressar.

Soares (2010) reúne diversos trabalhos sobre as palatais lateral e nasal e faz um quadro para demonstrar as realizações variáveis dessas consoantes específicas na fala do português brasileiro. O quadro que a autora faz é muito interessante, uma vez que os trabalhos compilados são de diversas regiões do Brasil e, assim, nos dá uma ideia mais geral da variação desses segmentos palatais. Em seguida, disponibilizamos o quadro realizado pela autora, para a nasal palatal, para que possamos verificar as variações encontradas em sua pesquisa:

⁸ A semivogal pode ser representada tanto pelo fonema [y] como pelo [j]. A escolha de um ou outro é opção do autor. Portanto, por vezes, será encontrado ora o [y], ora o [j], a depender do autor citado, haja vista que esse capítulo representa uma revisão teórica.

⁹ Essa referência de informante SRFF e informante FaCas está disposta no trabalho de Pinheiro (2010), cuja referência segue no fim de nosso artigo. Mantivemos a informação porque retiramos os exemplos da mesma forma que estava contido no trabalho e preferimos não alterar nada. No texto original, há exemplos de variação como a lateral palatal também, mas, como não é o foco de nossa pesquisa, centramos nossa atenção apenas para a nasal palatal. Qualquer dúvida do leitor à respeito desses informantes, favor verificar no texto em referência.

Quadro 1 - Processos fonológicos para /ɲ/ da pesquisa realizada por Soares (2010)

Fenômenos para /ɲ/		Variantes	Exemplos
1.Manutenção da palatal		- nasal palatal /ɲ/ - nasal palatalizada /ɲʲ/	[ˈbaɲa] [ˈbãɲʲa]
2.Despalatalização vocalização	sem	- nasal dental/alveolar seguida de semivogal /ɲj/	[ˈsõɲju]
3.Despalatalização semivocalização	com	- semivogal [j] nasalizada ou não	[ˈsõju]
4.Despalatalização semivocalização	sem	- zero fonético	[seˈɔra]

Soares (2009) havia constatado, em trabalho anterior, várias realizações de variantes, que, segundo ela, para a nasal palatal são: a nasal palatal, a nasal palatalizada, nasal alveolar/dental seguida de semivogal, semivogal e zero fonético. E com a lateral palatal tem as variantes: lateral palatal, lateral palatalizada, lateral alveolar/dental seguida de semivogal, lateral alveolar/dental e semivogal.

Como esclarecemos acima, as variantes do quadro 1 foram as encontradas na pesquisa de Soares (2009), e, ao analisarmos seu estudo, não concordamos com o exemplo do fenômeno 4, exposto pela autora. Consideramos bastante complicada a produção do vocábulo a partir da despalatalização sem semivocalização com o vocábulo que ela exemplificou. Nosso estudo acredita que a variante *zero fonético* seja bastante encontrada no processo de despalatalização de /ɲ/, no entanto, acreditamos que o traço de nasalidade desse fonema se mantém no vocábulo, mesmo com sua elisão. De acordo com a nossa compreensão, a nasalidade se espraia para a vogal antecedente, pois, caso isso não ocorra, a produção do vocábulo fica bem diferente da produção fonológica do *input* e até mais difícil de ser pronunciada pelos falantes. No exemplo do fenômeno 3, Soares (2009) admite uma nasalização na vogal que antecede a variável, porém, com o fenômeno de zero fonético, a autora não esclareceu a questão da nasalidade que se espraia para a vogal. O exemplo do fenômeno 4, do quadro da autora, poderia ser apresentado, portanto, da seguinte forma: [sẽˈɔra].

Abs da Cruz (2009) realiza um trabalho apenas com a observação das consoantes líquidas laterais em posição pré-vocálica, e, por isso, demonstra considerações importantes acerca da consoante lateral palatal (que também é uma líquida lateral). De acordo com essa

autora, apenas com a lateral palatal, dentre as líquidas, que ocorre um processo de semivocalização, ou seja, a consoante passa a se apresentar como uma semivogal. Nosso trabalho não se detém a estudar a ocorrência variável da lateral palatal, mas como o fenômeno analisado por Abs da Cruz (2009) também é uma palatal, acreditamos que a lateral palatal e a nasal palatal possam ter processos semelhantes na variação. Além disso, temos a hipótese de que também pode ocorrer um processo de semivocalização com as nasais palatais, ao ocorrer a despalatalização dos vocábulos.

Ao se basear em Aragão (1999), Abs da Cruz (2009) afirma que esse processo de despalatalização, como ela expõe, e que podemos considerar como uma variante, pode existir devido às influências indígenas e africanas no português brasileiro. A autora destaca que esses povos possuíam dificuldades não só na pronúncia da lateral palatal [ʎ], mas também da nasal palatal [ɲ].

Wetzels (2000) realiza um trabalho com as consoantes palatais [ɲ] e [ʎ], mas esse autor se limita a fazer uma análise fonológica e não toca nos aspectos variacionais das consoantes, deixando de citar quaisquer variantes desses fonemas em questão. Apesar disso, é importante deixar registrada a contribuição desse autor, uma vez que ele conclui que essas consoantes (as soantes palatais) se comportam diferentemente das soantes que não são palatais, sendo geminadas fonológicas, e, assim, o autor demonstra que podem ser, em suas próprias palavras, “‘abrasileiradas’ se ocorrem no início de palavras emprestadas de outras línguas” (WETZELS, 2000, p. 14).

A partir da compilação e observação dos resultados desses trabalhos expostos nessa seção do capítulo, acreditamos que as variantes da consoante nasal palatal [ɲ] podem ser classificadas a partir de apenas dois grupos: o apagamento e a manutenção da consoante. Podemos entender a variante de apagamento como o próprio $\emptyset$, que exclui o fonema, assim como o apagamento em que, além da supressão da sílaba de um vocábulo, há o acréscimo de uma semivogal (que, por vezes, forma um ditongo decrescente no vocábulo), quando a consoante palatal for apagada na fala dos informantes.

2.3. Grupos de fatores influentes na variação da consoante palatal /ɲ/

O capítulo anterior deixou explícito que, em trabalhos de sociolinguística variacionista, é natural e indispensável verificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem influenciar o processo de variação, e na possível constatação de um elemento linguístico como

um fenômeno variável. Nos trabalhos analisados que comportam estudos sobre a variação de /ɲ/, também foi imprescindível a observação dos fenômenos a partir das variáveis independentes, a fim de constatar a oscilação dos fonemas analisados.

Assim, conforme foi destacado no capítulo sobre a teoria da variação linguística, os fatores extralinguísticos surgem como um componente essencial para a descrição da língua que segue uma visão sociolinguística. E podemos afirmar isso não só com base nas teorias dispostas, como também nos trabalhos analisados. Uma teoria passa a ser mais bem fundamentada se formos capazes de aplicá-la na prática, e aí está a importância da análise de nossos trabalhos, uma vez que os autores escolhidos selecionam dados para comprovar a influência de fatores sociais na variação da consoante nasal palatal. Como já foi dito anteriormente, alguns trabalhos se restringiram em descrever a variação da lateral palatal /ʎ/, mas por esta ser uma consoante palatal, assim como a /ɲ/, recortamos algumas informações que possam ser pertinentes.

Os fatores sociais escolhidos por Pinheiro (2010) foram o gênero, a faixa etária, a escolaridade e o grupo social. Sobre o gênero, o autor percebeu que não houve diferença significativa entre a fala de homens e mulheres. Quanto a faixa etária, foi dividida entre jovens, medianos e velhos e isso influenciou nas respostas das observações, pois pode ser considerado que na fala dos jovens há uma maior tendência a utilizar as variantes como [y] ou [ø], e os falantes mais velhos mantêm mais o uso da forma padrão. Sobre grupo social, o autor acreditou inicialmente que o que poderia exercer uma influência significativa seria a classe social dos falantes, e, a partir disso, os dividiu de acordo com suas profissões, de acordo com a renda e qualificação dos empregos. Após Pinheiro (2010) verificar os pesos relativos de cada grupo social envolvido, foi percebido que as variantes [y] ou [ø], da variável nasal palatal [ɲ], não possuíram pesos relativos significativos e, assim, os grupos não sofrem influências desse fator social específico, a classe social, para a variação da nasal palatal.

Para Soares (2009) foram considerados os seguintes fatores: gênero, faixa etária, anos de escolaridade e origem geográfica. Neste trabalho, observou-se que o gênero não interfere na forma que o falante varia as consoantes palatais. A faixa etária foi dividida entre indivíduos de 15 a 25 anos, de 26 a 45 anos e os falantes acima de 46 anos e, com isso, percebeu-se que, ao contrário do que tinha como hipótese, o uso da variante [y] foi mais utilizado na faixa etária de 15 a 25 anos, e não na fala de pessoas mais velhas.

Soares (2009) já diferencia-se de Pinheiro (2010) por incluir outro fator social em sua análise: o fator anos de escolaridade. No que diz respeito a esse fator, houve a constatação do que tanto é exposto em teorias sociolinguísticas: quanto maior a escolaridade do falante, maior

a tendência de manutenção de uma forma padrão. Para Soares (2009), isso indica que o uso de variantes, como a semivogal [y], por exemplo, pode ser um sinal de estigmatização, por isso poder ser rotulado de forma negativa, como se marcasse a condição inferior social e/ou econômica de quem fala dessa maneira. Mas, ainda assim, há uma frequência significativa de variantes das formas palatais nas observações do autor.

A origem geográfica é um fator interessante a ser considerado por essa autora porque seu trabalho verifica a variação do falar na região Norte do país e, por possuir diversas cidades com pessoas com costumes também diversos, é interessante relativizar a característica do falar de cada área analisada da região. A partir disso, Soares (2009) acredita que a dinâmica migratória da região Norte pode ter influenciado na presença da semivocalização das palavras com palatais.

Soares (2010) acredita ainda que o fator escolaridade é diferencial para a variação das palatais, ao considerar que, quanto maior a escolarização de um falante, maior a tendência dele utilizar as formas mais padrão. Ao fazer uma revisão teórica de alguns autores que estudam a semivocalização, Soares (2010) expõe vários estudos que comprovam que a origem geográfica também pode ter bastante crédito no uso da variante [y], a semivogal, ao invés da manutenção da consoante palatal.

Como já foi citado, além dos fatores extralinguísticos há, também a influência de fatores linguísticos para a variação de determinado fenômeno. Então, o próprio vocábulo pode carregar características que sejam significativas no processo variacional. Sendo assim, dentre esses elementos, Pinheiro (2010) achou a necessidade de observar o contexto fonológico precedente, o contexto fonológico seguinte, a tonicidade, o número de sílabas e se o traço era mais morfema ou mais familiar.

Os outros trabalhos se detêm mais a analisar os fatores extralinguísticos no processo de variação. Ainda que tenhamos afirmado que o artigo analisado de Wetzels (2000) traga uma perspectiva fonológica do modo de articular o som das consoantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, é perceptível a atenção que o autor dá para observar o contexto fonológico precedente e seguinte às consoantes. Além de acrescentar a informação de que algumas palavras que possuem a nasal palatal [ɲ] podem ter, ainda, outro tipo de nasalização que, segundo o autor, pode ser realizada da seguinte forma: “é desencadeada por uma consoante nasal intervocálica, em que o traço nasal se espalha para o(s) elemento(s) vocálico(s) da sílaba aberta imediatamente precedente” (op. cit., p. 08). Para tornar mais clara essa explicação, Wetzels (2000) dá exemplos como a palavra

“cegonha”, em que a vogal /o/, que antecede uma consoante nasal /ɲ/, passa a ser nasalizada também e possuir um som de /õ/.

Como vimos em outros trabalhos analisados, há a possibilidade da variável dependente /ɲ/ ser realizada como um apagamento e aparecer com o zero fonético [ø]. Podemos, assim, exemplificar a partir do que Soares (2010) ilustra com a palavra *sonho*, que pode ser realizada com um apagamento da palatal e surgir uma semivogal em seu lugar, aparecendo como [ˈsõyu]. E, como podemos observar, a vogal que antecedia a palatal recebeu uma nasalização e, mesmo com o apagamento da consoante, ela permaneceu acentuada. Essa informação nos faz presumir que o traço nasalizado de um vocábulo, que é gerado pela consoante palatal, nunca irá desaparecer, mesmo que a variação da palavra indique um apagamento da consoante. Nas variações em que ocorre o zero fonético [ø], o traço palatal se perde, porém o traço nasal permanece, mesmo que seja na vogal antecedente. Daí surge a importância de observar o contexto fonológico precedente das palavras.

Os fatores estruturais explicitados por Freire (2011) são realmente importantes a serem observados, porque, tanto o contexto fonológico precedente, quanto o seguinte podem ajudar a alterar a forma que determinado som pode se apresentar na palavra. E verificar a tonicidade e número de sílabas pode ser diferencial, pelo fato de que podemos agrupar os fenômenos variáveis, de forma que um vocábulo por ser dissílabo e oxítono, por exemplo, pode ter uma variável mais comum do que se estiver em outro contexto estrutural. Todos esses fatores servem para que o processo seja classificado e fique bem organizado para esclarecer a variação. No entanto, além desses já citados, acreditamos que seja de suma importância classificar também a categoria gramatical das palavras analisadas e verificar se são nomes ou verbos.

Dentre os trabalhos analisados, percebeu-se que nenhum destina uma seção para pontuar a importância da verificação de classe de palavras, se o fenômeno variável era nome ou verbo, por exemplo. Não foi encontrada nenhuma informação que fosse capaz de dividir a categoria gramatical dos vocábulos encontrados com a presença da consoante nasal palatal.

Seguimos com a compreensão de que, a depender da categoria gramatical (seja verbo ou nome), o tipo de variante irá se modificar. Como foi destacado em nossas considerações iniciais, acreditamos que os verbos favorecem a manutenção da nasal palatal, pois, no português brasileiro, fica complicado de produzir os verbos *ganhar* ou *apanhar*, com a elisão do fonema palatal. Em vista disso, consideramos importante a observação da categoria gramatical de cada vocábulo como uma variável independente a ser analisada.

É imprescindível verificar não só a categoria gramatical das palavras analisadas, como também a tonicidade de cada uma delas, haja vista que são fatores diferenciais para a observação e categorização das variantes que surgem no processo de variação. Caso a variável esteja em sílaba tônica, acreditamos que há uma maior tendência de o falante enfatizá-la na sua produção e desempenhar uma manutenção da nasal palatal.

A partir da compilação dos trabalhos descritos acima, pudemos ter uma noção de como se dá a variação dos fonemas lateral palatal e nasal palatal. Por meio das análises, ficamos a par, ainda, de quais as variantes mais relevantes no processo de variação desses sons nos vocábulos, o que nos ajudou a levantar hipóteses de como se manifesta o status da nasal palatal na comunidade de João Pessoa.

CAPÍTULO III: Procedimentos Metodológicos

3.1. Coleta de dados

Este capítulo tem o objetivo de deixar claro como nosso trabalho foi realizado, ao contextualizar os demais aspectos dos procedimentos metodológicos, assim como também expor as variáveis dependentes e as variáveis independentes que colaboram no processo de variação. Vale citar que utilizamos o aporte teórico-metodológico laboviano, ou seja, trabalhamos com uma perspectiva variacionista, fundamentada na Sociolinguística Quantitativa.

Uma vez estabelecido que o objeto de estudo é a caracterização da consoante nasal palatal /ɲ/ na comunidade de João Pessoa, podemos delimitar que nosso trabalho se concentra em analisar os fatos concretos da língua. Dessa forma, o nosso *corpus* é composto por uma amostra da fala de indivíduos pertencentes a um determinado grupo.

Nossos dados foram extraídos do *corpus* do Projeto de Variação Linguística da Paraíba – VALPB (HORA; PEDROSA, 2001), banco de dados pertencente a Universidade Federal da Paraíba. Para a elaboração desse, o instrumento utilizado para a amostragem da realidade linguística da comunidade de João Pessoa foi a entrevista. Esses dados estão armazenados e disponíveis em endereço eletrônico¹⁰, espaço no qual extraí os elementos de análise de nossa pesquisa. Nesse projeto, há disponibilizados os dados de fala de 35¹¹ informantes que residem na cidade de João Pessoa desde os 5 anos de idade e podem ser divididos por sexo, faixa etária e anos de escolarização, como podemos observar a seguir:

» SEXO: Masculino - 17 informantes

Feminino – 18 informantes

» FAIXA ETÁRIA: 15 a 25 anos – 12 informantes

26 a 49 anos – 11 informantes

Mais de 50 anos – 12 informantes

¹⁰ Disponível em <<http://projetovalpb.com.br/corpus/>>

¹¹ Há alguns áudios de informantes que não estão disponíveis no endereço eletrônico, mas de todos que se encontram online foram escutados para nossa caracterização dos dados. No site do VALPB há a informação de que são 60 informantes, mas só estão disponíveis os áudios de 35 informantes.

» ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO: Nenhum – 12 informantes

1 a 8 anos – 11 informantes

Mais de 11 anos – 12 informantes

Devemos enfatizar que todos os informantes pertencem a mesma comunidade linguística da região de João Pessoa, na medida em que eles são naturais da cidade ou moram lá desde os cinco anos de idade. Como pode ser observado, o número de informantes são 35, haja vista que este é o número de áudios que estão disponíveis no endereço eletrônico. Há dois informantes com cada uma das características de sexo, faixa etária e anos de escolarização citadas acima, menos o áudio do informante masculino de 26 a 29 anos, com nenhuma escolarização, que só possui um informante. A fim de que o resultado de nossos dados dê um número mais exato, reduziremos para 34 informantes, desconsiderando um áudio feminino com as mesmas características do ausente, para que possamos trabalhar com o mesmo número de homens e mulheres. A partir disso, os informantes disponíveis em endereço eletrônico dividem-se da seguinte forma:

» SEXO: Masculino - 17 informantes

Feminino – 17 informantes

» FAIXA ETÁRIA: 15 a 25 anos – 12 informantes

26 a 49 anos – 10 informantes

Mais de 50 anos – 12 informantes

» ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO: Nenhum – 10 informantes

1 a 8 anos – 12 informantes

Mais de 11 anos – 12 informantes

De posse desses dados, utilizaremos para a obtenção dos resultados estatísticos o programa computacional Goldvarb X, que concede informações numéricas de percentual e peso relativo da variável dependente.

A partir disso, realizaremos a análise desses dados com vistas a responder as perguntas da pesquisa. Iremos nos fundamentar nas propostas de estudos descritivos sobre a variação linguística e fonologia do português brasileiro, a partir de estudiosos como Labov (2008), Camara Jr (2013), Cristófar-Silva (2014), entre outros.

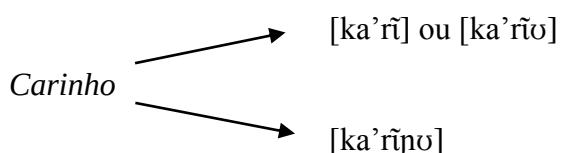
3.2. Descrição das variáveis

3.2.1. Variável dependente

De acordo com os estudos sociolinguísticos, a variável dependente pode ser interpretada como o objeto de estudo de determinada pesquisa sociolinguística, de forma que consiste nas possibilidades de realização que um fenômeno linguístico apresenta. Ao lidarmos com dados de fala, fica bem claro que um certo fonema pode ser realizado de formas diferentes, a depender de diversos fatores linguísticos e sociais.

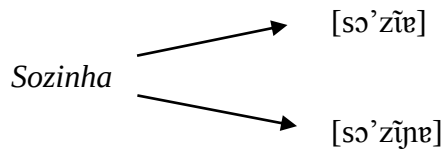
Nossa variável dependente é a realização da nasal palatal, que temos a hipótese que ela pode ser realizada como nula [ø] ou com sua produção natural e inalterada [ɲ]. Dessa forma, nosso objeto de estudo diz respeito a uma variante binária, pois em uma análise binária, para Guy & Zilles (2007), o pesquisador irá observar as probabilidades de acontecimento de um elemento linguístico e a ausência desse elemento. Os autores consideram que, quando for considerada a ausência, esta pode incluir outras alternativas contextuais, só que tratará de todas em um só conjunto de ausência. Como vimos no capítulo II, alguns autores já pesquisaram sobre a manifestação da nasal palatal e, alguns, analisaram mais de duas variantes, como Soares (2010). No entanto, seguimos com a compreensão de que haverá a variante de manutenção e a de apagamento, sendo esta última agrupando outras variantes contextuais, como a semivocalização, pois não é todo caso que aceitará uma semivogal. Vejamos, portanto, alguns exemplos de como pode se manifestar a variante da nasal palatal:

(1)



No exemplo acima, a primeira forma, com o exemplo [ka'ɾĩ], está com a nasal palatal nula [ø] e, com isso, excluiu também a vogal que seguia essa consoante. Mas podemos verificar, também que, mesmo que a palatal seja nula, a vogal seguinte [ʊ] pode permanecer na palavra, a exemplo da outra possível produção fonética que a palavra *carinho* pode ter: [ka'ɾĩø]. O apagamento da variável permite que encontremos uma semivogal no vocábulo, ou não. Outro exemplo de manutenção da vogal seguinte à variável [ɲ] apagada segue com o exemplo 2:

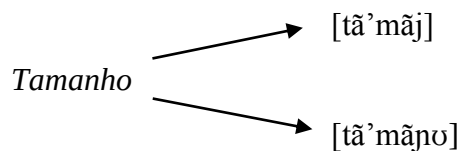
(2)



Assim como demonstramos no exemplo 1, acreditamos que a despalatalização da nasal palatal pode ocasionar o acréscimo de um ditongo decrescente na palavra. O que difere o exemplo 2 do anterior, é que neste acreditamos que, ao haver a despalatalização da variável, a desinência de gênero sempre irá se manter, para que o falante possa identificar o gênero do vocábulo, como relatamos em nossas hipóteses.

A formação de um ditongo também pode ser realizada a partir da adição de uma semivogal que não ocorre na forma subjacente da palavra, a exemplo da semivogal [j] na possível variação do exemplo 3 a seguir:

(3)



Conforme foi exposto, os exemplos fazem parte de um grupo em que a consoante nasal palatal foi apagada, ou seja, não foi produzida. Embora a variável seja binária, temos possibilidades de variação, mas estas estão no conjunto do apagamento da nasal palatal. Sendo assim, permaneceremos com a proposta de que há duas formas da variável dependente se manifestar: com o apagamento ou a manutenção da mesma.

3.2.2. Variáveis independentes

As variáveis independentes consistem nos fatores internos ou externos à língua que podem ser determinantes na aplicação de uma regra variável. Ou seja, é partir das variáveis independentes que podemos determinar o que colabora para que nossa variável dependente seja considerada como um fenômeno de variação linguística.

3.2.2.1. Variáveis sociais

As variáveis sociais nos revelam a importância de observar o contexto social dos falantes e como isso pode interferir nas modificações da língua.

Labov (2008) demonstra a importância de verificar esses fatores sociais, pois diversos trabalhos na área da sociolinguística revelam que a faixa etária, os anos de escolarização ou até o sexo podem impulsionar a formação de novas formas variáveis na língua. Então, os fatores sociais selecionados para nossa análise são: sexo, anos de escolarização e a faixa etária.

3.2.2.1.1. Sexo

A literatura sociolinguística documenta a tendência de haver distinção nas formas variadas entre o sexo masculino e o feminino, no que se propõe a creditar às mulheres o fato de se manterem mais próximas da variedade-padrão e aos homens a inclinação de serem mais propensos a utilizar formas mais estigmatizadas. Labov (2008) declara que as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio, ao darem preferência a essa norma no uso da fala. Para o autor, essa variável independente é bastante significativa nos estudos sociolinguísticos: “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística” (LABOV, 2008, p. 348).

O comportamento dos indivíduos também interfere na forma de utilizar a língua, pois esta constitui um instrumento de comunicação que evidencia um elo entre a faculdade da linguagem e as situações comunicativas dos falantes. As práticas sociais entre homens e mulheres divergem em alguns âmbitos e, como a língua pertence ao indivíduo, também podemos encontrar diferenças linguísticas entre os sexos.

Pinheiro (2010) realizou um estudo com as palatais e não obteve nenhum resultado significativo para a diferença de sexo entre os falantes. Ainda assim, vale realizar esse estudo na comunidade de João Pessoa, a fim de verificarmos se esse grupo de falantes demonstra uma diferença na fala, diante do conhecimento de que o estudo da língua abrange não só componentes estruturais, mas o comportamento social dos indivíduos.

A partir disso consideramos a variável independente sexo, sendo dividida em masculino e feminino.

3.2.2.1.2. Anos de escolarização

Reconhecendo que o contato dos indivíduos com a escola é um fator que ajuda a condicionar o fato de que pessoas mais escolarizadas utilizam menos formas variadas, identificamos o grau de escolaridade como uma variável independente bastante significativa. Como sabemos, desde os estudos de Labov os anos de escolarização já identificavam uma influência nos usos variáveis da língua. Hora (2006) destaca que esse fator social tem um forte impacto nas pesquisas sociolinguísticas e sempre apontam um resultado significativo: “a literatura sociolinguística assegura que falantes com mais anos de escolarização selecionam a variante padrão, que representa a norma culta, enquanto os com menos anos de escolarização selecionam a não-padrão” (HORA, 2006, p. 38).

É na escola que todos os falantes passam a trabalhar diretamente com a língua, lidando com atividades de leitura e escrita que promovem a formação de um leitor autônomo. Além de ampliar o repertório linguístico e comunicativo, o acesso à cultura letrada permite que os falantes tenham conhecimento mais amplo dos diversos gêneros textuais e, assim, acreditamos que pessoas escolarizadas saibam adaptar seu comportamento linguístico diante de situações comunicativas diversas.

Como sabemos, a coleta de dados presente no VALPB foi realizada a partir de situações de entrevista, então, seguimos com a compreensão de que pessoas mais escolarizadas puderam monitorar o estilo de sua fala para tentar se adequar mais à variedade padrão, devido ao gênero entrevista. Nesse sentido, acreditamos que os falantes com menor ou nenhuma escolarização não se importem em adequar seu uso da língua ao contexto ou de tentar não utilizar formas variadas, até porque não têm um conhecimento amplo das formas padrões da língua.

Soares (2009) constatou que os anos de escolaridade interferem na forma que o falante varia as consoantes palatais, pois quanto maior a escolaridade do falante, maior a tendência de manutenção de uma forma padrão. Com o intuito de verificarmos se, na comunidade de João Pessoa, o fator anos de escolarização também é diferencial, assim como nos estudos de Soares (2009), agrupamos nossa variável da seguinte forma:

- a) Nenhuma escolarização
- b) De 5 a 8 anos de escolarização
- c) Mais de 11 anos de escolarização

3.2.2.1.3. Faixa etária

A partir dos estudos de mudança linguística, é perceptível que os falantes de hoje não falam da mesma forma que gerações anteriores, tendo em vista que novas formas linguísticas passam a ser usadas na língua e outras vão desaparecendo.

É comum percebermos que gerações mais jovens utilizam mais formas variadas, a exemplo do pronome *a gente*, que é mais utilizado ao invés de *nós*, e as gerações mais velhas tendem a manter usos mais antigos e comungam menos do ato de criar novas gírias ou se adaptar a novas formas linguísticas. Nas pesquisas analisadas no capítulo II, percebemos que essa constatação é concreta, a exemplo do que foi exposto por Soares (2009). A referida autora dividiu seus informantes na faixa etária entre indivíduos de 15 a 25 anos, de 26 a 45 anos e os falantes acima de 46 anos e, com isso, percebeu-se que, o uso da forma variada foi mais utilizado na faixa etária de 15 a 25 anos, e não na fala de pessoas mais velhas.

Consideramos importante trabalhar com esse fator ao relacionarmos a faixa etária com a inserção no mercado de trabalho, pois como os informantes do VALPB (HORA; PEDROSA, 2001) são divididos entre falantes de 15 a 25 anos, falantes de 26 a 49 anos e falantes de 50 anos ou mais, podemos destacar que a primeira faixa etária se caracteriza pelo fato dos indivíduos começarem a entrar no mercado de trabalho, a segunda faixa etária representa uma estabilidade no mercado de trabalho e a última faixa etária apresenta, comumente, um número representativo de saída dos indivíduos do mercado de trabalho. Tendo em vista que o ambiente de trabalho interfere no modo de utilizar a língua, as pessoas podem ter um maior cuidado nos usos da língua, na medida em que estão mais estáveis no mercado de trabalho.

A partir da observação desse fator social, verificaremos se o apagamento da nasal palatal constitui uma variação estável ou possível mudança linguística. Isso será possível, a partir do conhecimento sobre gradação etária: existem determinadas variantes que são usadas sempre em uma determinada idade, porque são típicas da idade, ou seja, os indivíduos utilizam a língua de determinada forma em uma idade e depois não usam mais. Labov (2008) deixa claro que os estudiosos da língua podem distinguir a gradação etária da faixa etária a partir de uma análise das formas linguísticas no tempo aparente da pesquisa.

Nossa pesquisa trabalha com a hipótese de que a forma variada da nasal palatal, ou seja, o apagamento do fonema /ɲ/, se dará com maior frequência nos falantes de uma faixa etária menor. Com isso, nossos informantes foram divididos pela faixa etária a partir do que se tem proposto no VALPB:

- a) Faixa etária de 15 a 25 anos;
- b) Faixa etária de 26 a 49 anos;
- c) Faixa etária de 50 anos ou mais.

3.2.2.2. Variáveis estruturais

O próprio sistema linguístico pode revelar influência no processo de variação de alguma palavra. Os estudos de mudança linguística são provas de que as relações estruturais entre os fonemas e os morfemas de uma palavra podem gerar uma transformação linguística. Um exemplo claro desse tipo de mudança é a transformação ocorrida na forma verbal *amais* que deriva do latim *amatis*¹², que, a partir da síncope, ou desaparecimento, da consoante /t/, a palavra foi modificada. Além desse e de tantos outros processos, há a desnasalização, que ocorre na medida em que um fonema nasal desaparece na palavra, como ocorreu com a transformação do vocábulo *lua*, em que *luna* > *lua*. E como pode acontecer com as palavras que sofrem o apagamento da consoante nasal palatal, que também são desnasalizadas. Essa demonstração deixa evidente que a estrutura do sistema linguístico motiva a variação na língua.

A fim de verificar os fatores linguísticos das palavras que contenham a nasal palatal, analisaremos o contexto fonológico que precede e segue a consoante nasal palatal [ɲ], a tonicidade (ao verificar se a nasal palatal [ɲ] se localiza em posição tônica ou átona), assim como o número de sílabas do vocábulo e a categoria gramatical de cada palavra.

3.2.2.2.1. Contexto fonológico precedente

O fonema nasal palatal /ɲ/, que é representado ortograficamente pelo segmento consonantal *nh*, ocorrerá, na maioria das vezes, no meio das palavras. À exceção de palavras como *nhoque* e outras, que são pouco encontradas no repertório linguístico dos falantes do português brasileiro. Vale salientar, ainda, que acreditamos que não que nossa ideia provém dos dados dos trabalhos pesquisados, que não encontraram palavras que iniciem com consoantes palatais, pois são raras no português brasileiro, e, assim, nossas considerações dizem respeito às palavras que possuem a nasal palatal em fim ou meio das palavras. Em nossa

¹² O exemplo foi retirado do estudo de Araújo (2005), que fez um estudo sobre os metaplasmos e as mudanças linguísticas.

pesquisa, não houve casos em que a nasal palatal apareceu em início de palavra, sendo assim, ele só poderá ser precedido por uma vogal.

Isso se torna mais tangível quando observamos o sistema fonológico do português brasileiro (PB), mais propriamente no estudo da sílaba. A faculdade da linguagem de um falante do PB não permite a combinação de uma consoante antes da nasal palatal, como percebido nos estudos de Soares (2010):

Portanto, vê-se que /ɲ/ só pode ser precedida por uma vogal, isto é, por rima não ramificada, pois, a primeira mora da consoante palatal, que é duplamente articulada, já ocupa a coda da rima anterior, o que explica não ser admissível a ocorrência de sílaba pesada antes desses segmentos. Então, fica nítido que só as vogais poderão preceder a nossa variável dependente. (SOARES, 2010, p. 115)

Outro ponto importante a destacar é que as vogais abertas *ɛ* e *ɔ* nunca irão preceder a nasal palatal, haja vista que é comum no português brasileiro que a nasalidade da consoante se espraia para o contexto fonológico precedente. Weltzels (2000) demonstra que a nasalização das vogais anteriores ao /ɲ/ ocorrerão independentemente de qualquer fator linguístico: "A nasalização é categórica quando a vogal precede uma consoante nasal palatal, independentemente do contexto tônico ou átono" (ABAURRE & PAGOTTO, 1996, p. 24 *apud* WELTZELS (1997)). Com isso, as vogais que aparecem antes de nossa variável /ɲ/ têm um som nasalizado. Isso nos leva a crer que ainda que haja o apagamento de nossa variável /ɲ/, as vogais precedentes irão manter o traço nasal desse segmento consonantal.

Não foi encontrada nenhuma palavra que tivesse a nasal palatal em posição inicial de palavra (como *nhoque*, por exemplo), sendo assim, nossa variável de contexto fonológico precedente será desmembrada nas vogais nasalizadas. Abaixo, seguem exemplos para ilustrar nossa compreensão de vocábulos com os determinados contextos fonológicos precedentes:

- a) a nasalizado: *campanha, banho, companheira*.
- b) e nasalizado: *nenhum, senhora, engenharia*.
- c) i nasalizado: *caminho, vizinho, dinheiro*.
- d) o nasalizado: *vergonha, medonho, sonho*.
- e) u nasalizado: *cunhada, junho, desmunhecado*.

3.2.2.2. Contexto fonológico seguinte

Da mesma forma que o contexto fonológico precedente pode exercer alguma influência na variação no /ɲ/, investigamos, também, se o contexto fonológico seguinte atua de alguma forma dominante no processo variável.

Por se tratar de um fonema com valor de consoante, nossa variável só permite que o contexto fonológico seguinte seja uma vogal, assim como foi exposto por Weltzels (2000) que a nasal palatal ocorre exclusivamente em posição intervocálica.

Diferentemente do contexto fonológico precedente, o contexto fonológico seguinte admite a presença de vogais abertas. Portanto, para essa variável selecionamos as seguintes vogais, acompanhadas de alguns exemplos:

- a) para a vogal dorsal (a): *cozinha, pequeninha, lenha*.
- b) para a vogal coronal (e): *banheira, dinheiro, reconhecido*.
- c) para a vogal coronal (/ɛ/): *reconhece, amanhece, desmunhecado*.
- d) para a vogal coronal (i): *companhia, amanheceu [amãi'seo]*.
- e) para a vogal labial (o): *canhoto, ganhou, senhor*.
- f) para a vogal labial (/ɔ/): *senhora, carinhosa*.
- g) para a vogal labial (u): *nenhum, banho, sozinho*.

3.2.2.3. Número de sílaba

Outro fator independente que selecionamos para categorizar nossos dados, com o intuito de verificar se este é influente ou não na variação de /ɲ/, é tamanho do segmento do vocábulo.

Há estudos que comprovam que o número de sílabas pode exercer um papel influente em uma variável sociolinguística. Podemos destacar o trabalho de Ferreira (2011) que, ao observar a manifestação variável da lateral palatal /ɭ/, obteve um resultado interessante em que todas as palavras monossílabas foram despalatalizadas e que a variação ocorreu com mais frequência nos vocábulos dissílabos. Vale, portanto, considerar essa variável para verificarmos se esse fator também influencia na variação da nasal palatal /ɲ/.

É importante destacar que não foram encontradas palavras monossílabas com a nasal palatal, ao contrário do que aconteceu com a pesquisa de Ferreira (2011) para a lateral palatal. Caracterizamos o número de sílabas a partir da forma de subjunção de cada vocábulo. Essa variável foi controlada sendo dividida em três categorias:

- a) vocábulos dissílabos: *banho, lenha, nenhum*.
- b) vocábulos trissílabos: *banheiro, cunhado, vizinho*.
- c) vocábulos polissílabos: *conhecimento, pequeninha, encaminhado*.

3.2.2.2.4. Tonicidade

Acreditamos que o fator tonicidade pode exercer influência na manutenção da consoante nasal palatal, devido ao esforço do falante em pronunciar essa consoante complexa em posição tônica, a exemplo de palavras como *ganhar* ou *conhece*.

O estudo de Freire (2011) revelou que a tonicidade da sílaba com a lateral palatal /ɲ/ mostrou-se relevante para que o segmento se mantivesse sem formas variáveis. Por se tratar de uma palatal, acreditamos que nossa variável também deva se manter quando estiver em sílaba tônica.

Como nossa pesquisa se detém em observar a manutenção e/ou apagamento de /ɲ/, organizamos essa categoria da seguinte forma: quando a nasal palatal estiver em sílaba tônica e quando a nasal palatal estiver em sílaba átona. Seguem os exemplos abaixo para ilustrar nossa pesquisa:

- a) Variante em sílaba tônica: *banheiro, apanhando*.
- b) Variante em sílaba átona: *maconha, sobrinho*.

3.2.2.2.5. Categoria gramatical

Como pode ser conferido na fundamentação teórica deste trabalho, realizamos um agrupamento de algumas pesquisas que se dedicaram a estudar o status da consoante nasal palatal, que pode ser averiguado no capítulo II deste trabalho. Nele, foi observado que nenhum dos estudiosos que foram agrupados para observação consideraram o fator da categoria gramatical como variável independente.

Contudo, nossa pesquisa segue com a compreensão de que destacar se as palavras pertencem a classe dos verbos, nomes ou pronomes pode ser determinante na caracterização da variável dependente. Direccionamos nosso posicionamento para esse viés, tendo em vista que alguns verbos possuem um sistema fonológico que parece ser bem difícil de ocorrer o apagamento da nasal, como os verbos *ganhar* ou *apanhar*. Além disso, agrupamos, junto aos verbos, as flexões verbais a exemplo de *reconhece* ou *ganhasse*.

Inúmeras pesquisas do campo sociolinguístico reconhecem a importância de considerar a classe gramatical, até porque, em muitos casos, esse é um fator que provoca influência na determinação de uma regra variável. Estudiosos como Cristofolini (2011), Hora & Pedrosa (2009) possuem pesquisas sociolinguísticas que relacionavam o uso da fala de indivíduos de determinado grupo e destacaram que a depender da categoria gramatical a realização de um determinado fonema pode ser favorecida ou não. Salvo que há escassos trabalhos que se detém a analisar a nasal palatal, verificamos estudos realizados com outra consoante palatal, o /ɲ/, para constatar a relevância dessa variável. Desse modo, nos deparamos com Freire (2011), que dispõe de um estudo que observa a variação da lateral palatal e demonstra, também, a importância de considerar essa variável em uma pesquisa sociolinguística.

Em nossa pesquisa, distribuímos essa variável independente de categoria gramatical em três grupos: nomes, pronomes e verbos (que inclui, também, as flexões verbais). Abaixo seguem alguns exemplos da divisão de vocábulos pela categoria gramatical:

- a) Nomes: *dinheiro, galinha, banheiro*.
- b) Pronomes: *minha, nenhum, nenhuma*.
- c) Verbos: *ganhar, tenho, apanhou*.

CAPÍTULO IV: Resultados e discussões

4.1 Resultados iniciais

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos pela análise quantitativa produzidos a partir do sistema computacional Goldvarb X. Aqui, serão discutidos quais os fatores sociais e estruturais que exercem maior influência na variação da consoante nasal palatal /ɲ/. Com isso, por meio dos resultados quantitativos, pretendemos responder as perguntas de pesquisa e atender aos objetivos destacados nas considerações iniciais de nosso trabalho.

De acordo com o que já foi exposto neste trabalho, o nosso *corpus* faz parte do banco de dados do projeto VALPB (HORA; PEDROSA, 2001), que nos propicia elementos que nos ajudaram a detalhar se a consoante nasal palatal /ɲ/ ocorre com regularidade na fala dos informantes, ou se aparece mais em sua forma nula [ø].

De modo geral, pudemos encontrar 2351 ocorrências de vocábulos da nossa variável, sendo 1145 ocorrências com a manutenção de /ɲ/ e 1206 ocorrências com o apagamento de /ɲ/. Esses números revelam que 49% dos informantes mantêm o fonema nasal palatal nos vocábulos e que 51% dos informantes tendem a apagar esse fonema, ou seja, a maioria dos informantes apresenta o apagamento de /ɲ/. Esse resultado inicial já nos dá indícios de que o apagamento de /ɲ/ é constante no uso da língua dos falantes paraibanos, como podemos constatar no gráfico 1 que segue, que demonstra os resultados gerais para cada uma das variantes:

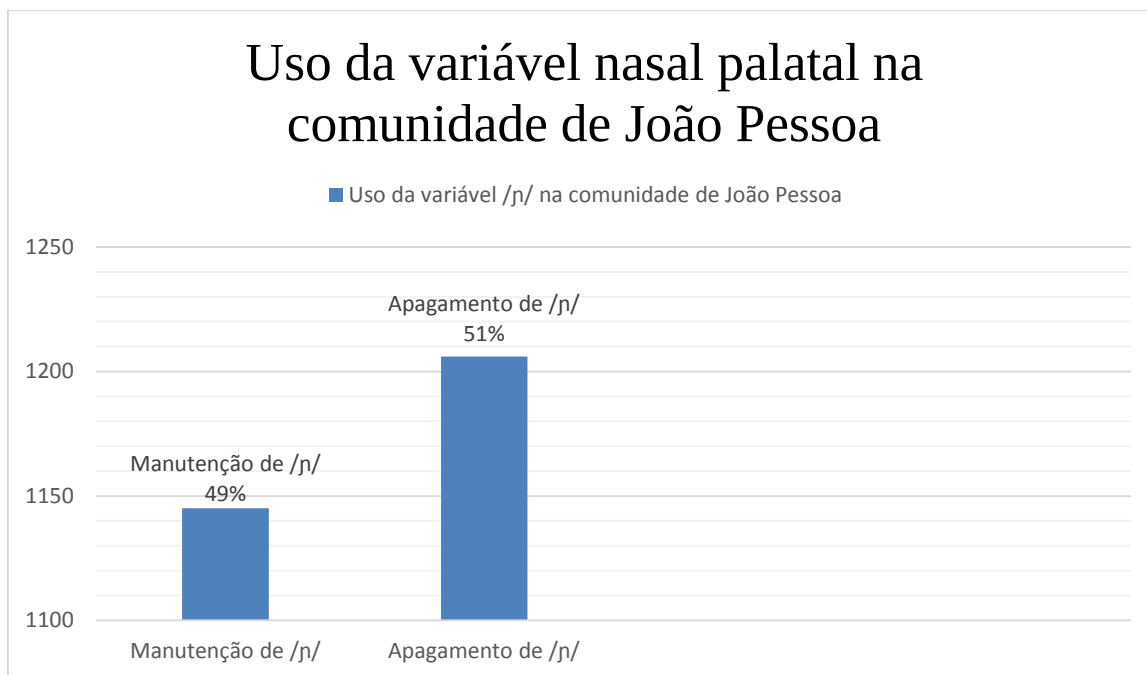


Gráfico 2 - Uso da variável nasal palatal /ɲ/ na comunidade de João Pessoa

Em nossa pesquisa, percebemos que é comum que os falantes ora utilizem a manutenção de /ɲ/ e ora utilizem o apagamento deste em um mesmo vocábulo. É importante destacar que os informantes repetem muitas palavras em uma só sentença, e acreditamos que isso ocorra pelo fato de estarem produzindo a resposta em sua mente e isso demanda uma concentração maior. Em virtude disso, consideramos apenas o último vocábulo produzido após a sucessão de repetições, conforme exemplos a seguir:

- a) “tive *minha minhas minhas* amigas, *minhas* brincadeiras. (...)” (Informante 30 f¹³)
- b) “Eu num desaprovo *nenhuma*, né? num desaprovo *nenhuma*.” (Informante 26 f)
- c) “então eu *tenho tenho* que ajeitar. Agora, daqui pra fevereiro ou março *tenho* que mudar os caibinhoø, *tenho* que ajeitar” (Informante 21 m)

Conforme visto em nossas considerações iniciais, desencadeamos nosso trabalho assumindo o pressuposto de que, quando houvesse o apagamento de nossa variável, ocorreria

¹³ A letra “f” colocada após a identificação do informante é para especificar o sexo do falante que proferiu a frase em destaque. No caso, “f” representa um informante do sexo feminino e “m”, do exemplo da letra c, representa um informante do sexo masculino.

uma despalatalização do mesmo, e em consequência disso, a nasalidade permaneceria no vocábulo se espalhando para a vogal precedente à variável. Já em nossos procedimentos metodológicos, ao fazermos considerações acerca das variáveis independentes estruturais, mais especificamente o contexto fonológico precedente, vimos, com base nas pesquisas de Wetzels (2000), que isso, de fato, acontece em quaisquer vocábulos que tenham a variável /ɲ/: “a nasalização alofônica antes de nasais palatais ocorre independentemente da posição do acento primário, como a nasalização contrastiva.” (op. cit., p. 09)

Sobre nasalização alofônica, Wetzels (2000) deixa claro que diz respeito ao fato de que a vogal que estiver antes de uma consoante nasal terá, sempre, um som nasalizado, ou seja, há o espalhamento da nasalidade da consoante para a vogal. Já a nasalização contrastiva se refere à nasalidade que sempre ocorrerá quando a consoante nasal estiver em posição de coda.

O que se torna pertinente a destacar sobre o apagamento da variável é que ainda que as palavras suprimam a nasal palatal, a nasalização se mantém em todas as palavras. Daí, decorre a observação dos áudios de nosso *corpus* com extremo cuidado a fim de perceber a presença, ou não, do fonema palatal nos vocábulos.

De forma geral, é notório que nossa pesquisa esclarece que o uso da nasal palatal /ɲ/, no falar paraibano, na comunidade de João Pessoa, é variável e o apagamento do fonema simplifica e altera a forma dos vocábulos, como iremos discutir mais detalhadamente a seguir, demonstrando o efeito de cada variável independente sobre o /ɲ/.

O estudo apresentado no capítulo I, na seção de variação fonético-fonológica revelou que os falantes utilizam formas variadas da língua, na medida em que têm a consciência de que algumas modificações não irão prejudicar o entendimento do emissor em uma comunicação: “ao reduzir a complexidade do enunciado para facilitar a tarefa interpretativa do alocutário, o falante prefere abdicar da economia de recursos, mas não da eficiência comunicativa.” (CAMACHO, 2013, p. 228).

Nas seções a seguir, deste capítulo, poderemos encontrar os resultados das variáveis sociais e estruturais desta pesquisa, encontrados a partir do Goldvarb X, que considerou todos os grupos de variáveis independentes como relevantes para o processo de variação. Com tal finalidade, dividimos este capítulo em uma seção para cada fator, que exerce influência na regra variável do /ɲ/. A partir do resultado estatístico do Goldvarb X, elaboramos, também, tabelas com os resultados obtidos para a variante de nosso estudo. Os fatores selecionados pelo Goldvarb X como condicionadores para aplicação da regra variável aqui estudada, por ordem de relevância, foram:

1. Contexto Fonológico Precedente;
2. Contexto Fonológico Seguinte;
3. Categoria Gramatical;
4. Número de sílabas do vocábulo;
5. Tonicidade;
6. Anos de escolarização;
7. Sexo;
8. Faixa etária.

4.2. Variáveis estruturais

4.2.1. Contexto Fonológico Precedente

Iniciemos nossa apresentação de resultados a partir de uma síntese do que foi calculado no sistema computacional Goldvarb X, demonstrando o fator linguístico contexto fonológico precedente como o principal favorecedor do apagamento de nossa variável /ɲ/. Posicionamos os fatores hierarquicamente pelos pesos relativos. Vejamos a tabela 1 que demonstra a relevância desse fator estrutural para o apagamento da variável /ɲ/:

Tabela 1 - Realização da variável contexto fonológico precedente para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores/Exemplos	Aplicação/Total	%	Peso relativo
i/ “vizinho”, “dinheiro”	966/1557	62	0.67
e/ “nenhum”, “senhora”	108/232	46,6	0.39
a/ “campanha”, “banho”	52/292	17,8	0.18
o/ “sonho”, “vergonha”	55/182	30,2	0.11
u/ “cunhada”, “junho”	24/88	27,7	0.05
Total	1206/2351	52	

Input: 0.47

Significância: 0.031

Como o contexto fonológico precedente foi identificado por 5 vogais, que recebem a nasalização que se espalha da nasal palatal, teceremos considerações acerca dos resultados obtidos com números mais relevantes. É importante lembrar de que o apagamento ou a manutenção de nossa variável não interfere no espalhamento da nasalidade para a vogal precedente: mesmo que o vocábulo seja despalatalizado, a vogal precedente manterá o traço de nasalidade, como pode ser confirmado por Cristóvão-Silva (2014, p. 93): “a nasalidade de uma vogal ocorre quando uma vogal tipicamente oral é seguida por uma das consoantes nasais: [m, n, ɲ]”¹⁴. A partir disso, disponibilizamos alguns exemplos com as vogais que antecedem a nasal palatal para ilustrar nosso raciocínio.

Camara Jr (2013) apresenta que, em vocábulos que têm a presença da nasal palatal, há uma nasalidade por assimilação, em que palavras como *banha* ou *lenha*, por exemplo, terão os fonemas vocálicos nasalizados, a partir do espalhamento da nasalidade do fonema nasal que o segue.

¹⁴ Cristóvão-Silva (2014) aponta, mais na frente, em seu livro, que em certos dialetos do estado de São Paulo, por exemplo, as vogais que antecedem consoante nasal não são nasalizadas. Mas é mais comum encontrarmos no Brasil falantes que nasalizam as vogais, principalmente no Nordeste.

A partir das pesquisas de Goldsmith com as línguas tonais, Matzenauer (2005) corrobora que mesmo que um segmento de um vocábulo seja apagado na produção fonológica, não compromete o apagamento do tom que ele tem na palavra, pois há a possibilidade de que esse tom se espraie para outro fonema. Essa descrição também se efetua nos dados de nossa pesquisa, haja vista que o fonema /ɲ/, ao ser suprimido, espraia a nasalidade para os fonemas vocálicos que o precediam.

A tabela 1 apresenta as vogais mais relevantes no processo de variação de acordo com o peso relativo de cada um, que foi julgado a partir do sistema computacional Goldvarb X. Como podemos observar, a vogal precedente /i/ tem um peso relativo acima de 0,5, o que significa dizer que este é um fator relevante para condicionar a variação da nasal palatal.

Como observamos, a nasal palatal /ɲ/ tem maiores chances de ser sofrer síncope quando estiver após a vogal /i/, que em palavras como, por exemplo, *minha*, *caminho*, *tinha*, *pequeninho* ou *dinheiro*, o traço nasal de /ɲ/ que se espraia para a vogal precedente deixa o vocábulo variado com uma representação fonética bem semelhante ao que ocorreria caso o segmento palatal se mantivesse. A vogal /i/ tem traços fonológicos semelhantes a /ɲ/, pois ambas são coronais, de acordo com os traços distintivos dos estudos fonológicos, e essa semelhança pode justificar a ausência da nasal palatal em vocábulos que tenham esse contexto fonológico precedente específico, pois o traço distintivo permanece, como descrevemos mais detalhadamente na seção 4.5. Devido a isso, acreditamos que a vogal /i/ nasalizada permite esse maior prestígio sobre o apagamento de /ɲ/.

Houve uma grande presença de vocábulos que tem a vogal /e/ precedendo a nasal palatal, mas que foram produzidas como /i/, fazendo parte, assim, do contexto fonológico precedente sendo o /i/. Temos como exemplo vocábulos como *senhora* que, em todas as vezes que teve a consoante palatal apagada, foi produzida como [sĩ'ɔɾɐ], ou também o vocábulo *nenhum* ou *nenhuma*, que, ao serem despalatalizados, passaram a ser produzidos com o contexto fonológico precedente sendo a vogal /i/, [nĩ'ũ] ou [nĩ'ũɐ], respectivamente.

A vogal /e/ se localiza logo após o /i/ na escala das vogais precedentes que influenciam a variação de /ɲ/, e cremos que isso aconteça devido ao grande número de vocábulos como *tenho*, um dos mais produzidos pelos informantes da pesquisa, que tiveram um número considerável de apagamento da nasal palatal. E, com isso, foram produzidos como [ˈtẽu] ou ainda [ˈtẽ].

Já os contextos fonológicos precedentes com as vogais /o/, /u/ e /a/ têm uma menor significância para que o /ɲ/ seja considerado um fenômeno variável, de acordo com os pesos

relativos de cada uma, mas, ainda assim, demonstram que são contextos passíveis de que haja variação da nasal palatal.

Percebemos que os vocábulos que com a vogal precedente /a/ foram despalatalizados a depender da relação com o contexto fonológico seguinte. Quando há a nasal palatal se encontrou entre duas vogais /a/ como em *ganha* [ˈgãɲɐ] ou *aranha* [aˈrãɲɐ], os vocábulos sempre foram produzidos com a palatal. A vogal precedente /a/ relacionada com as vogais fechadas [e] e [o] também fez com que a consoante palatal sempre se mantivesse nos vocábulos, como em *ganhei* [gãˈɲej], *companheira* [kõpãˈɲerɐ], e *ganhou* [gãˈɲo], por exemplo.

Os vocábulos com a vogal precedente /a/ foram despalatalizados quando tiveram o contexto seguinte à consoante palatal como sendo [j] ou [ʊ], mas isso não ocorreu em 100% dos casos, pois alguns falantes apagaram e outros mantiveram a palatal. Na relação entre a vogal precedente /a/ e a seguinte /i/ temos o exemplo de *amanhecer*, que foi produzido tanto como [amãɪˈse] quanto [amãɲiˈse]. E quando a vogal seguinte à nasal palatal foi o [ʊ], também variou entre apagamento e manutenção, como em *estranho*, que foi produzido tanto como [iʃˈtrãɲʊ] quanto [iʃˈtrãj].

Em relação à vogal precedente /o/, percebe-se que a nasal palatal só sofrerá síncope se o contexto fonológico seguinte for a vogal [ʊ], dado que o vocábulo *sonho* [ˈsõɲʊ] foi produzido, algumas vezes, sem a nasal palatal como [ˈsõj] – a partir do acréscimo de uma semivogal, conforme fenômeno descreveremos na seção 4.5, em que há uma descrição qualitativa dos dados.

Por fim, observamos que a vogal antecedente /u/ também oscila como relevante no apagamento da nasal palatal quando está relacionada com a vogal seguinte sendo o [ʊ], pois vocábulos como *junho* foram produzidos tanto com a nasal palatal [ˈʒũɲʊ], quanto sem ela [ˈʒũj]. Com os demais contextos seguintes a consoante palatal se manteve nas produções.

4.2.2. Contexto Fonológico Seguinte

A fim de que possamos traçar se o contexto fonológico seguinte influencia no apagamento do fenômeno variável de /ɲ/, vejamos a tabela 2 que apresenta uma síntese do que foi calculado a partir do Goldvarb X:

Tabela 2 - Realização da variável contexto fonológico seguinte para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores/Exemplos	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Vogal labial [ɔ]/ “carinhosa”, “senhora”	46/51	90,2	0.93
Vogal coronal [i]/ “companhia”, “conhecida”	70/80	87,5	0.90
Vogal labial [o]/ “canhoto”, “senhor”	11/21	52,4	0.76
Vogal labial [u]/ “banho”, “sozinho”	374/590	63,4	0.64
Vogal coronal [ɛ]/ “reconhece”, “vinheram”	1/9	11,1	0.64
Vogal coronal [e]/ “banheira”, dinheiro”	59/264	22,3	0.48
Vogal dorsal [a] ou [ɐ]: “acompanhada”, “cozinha”	644/1336	48,2	0.33
Total	1206/2351	52	

Input: 0.47

Significância: 0.031

Assim como relatamos em nossas considerações iniciais, nossa pesquisa tem a intenção de evidenciar quais os contextos que condicionam a variação da nasal palatal, manifestada pelo apagamento da variável. Ao lado dos fatores, há alguns exemplos de vocábulos com cada um dos contextos fonológicos seguintes, e é importante deixar claro que registramos a forma produzida dos vocábulos, e não a forma subjacente.

Posto isto, a tabela 2 elucida que os vocábulos em que o contexto fonológico seguinte pode ser representado pelos fonemas [ɔ] ou [i] são os que mais condicionam o apagamento da variável /ɲ/, pois têm o maior peso relativo, com números que se aproximam de 1. Apenas a vogal coronal [e] e a vogal dorsal [a] ou [ɐ] que aparecem como não condicionantes para o processo de variação, com pesos relativos abaixo de 0,5.

Os exemplos mais frequentes do apagamento da nasal palatal seguido do fonema [ɔ] são os vocábulos *senhora* ou *carinhosa*. No primeiro, a vogal precedente /e/ aparece, na maioria das ocorrências de fala dos informantes paraibanos, com um som de [i] e, assim, o vocábulo pode ter a representação fonética de [sĩ'ɔɾɐ]. Já no segundo, é constante o apagamento da nasal palatal nesse vocábulo, que o pode deixar com a representação fonética de [kaĩ'ɔzɐ].

Como podemos perceber, há, também, uma forte influência do contexto fonológico precedente nesses vocábulos, que é a vogal /i/, e, pode ser verificado na seção anterior (4.2.1) que a vogal /i/ é a que mais influencia o ambiente dos vocábulos para que haja a despalatalização. Coincidentemente, todos os vocábulos despalatalizados que tinham o fonema [ɔ] como vogal seguinte, eram precedidos pelo fonema /i/ e, assim, verificamos que a correlação entre o contexto fonológico precedente e o seguinte são dominantes no processo de variação. Além de *senhora* e *carinhosa*, encontramos outro vocábulo produzido com o fonema [ɔ] seguindo a variável dependente: *manhosa*. Na produção desse vocábulo houve a manutenção da nasal palatal, e, diferentemente dos outros dois vocábulos citados, há outro contexto fonológico precedente à variável, a vogal [a].

Com o contexto fonológico seguinte sendo o fonema [i] temos, por exemplo, os vocábulos *companhia* ou *conhecer*. Em relação ao primeiro vocábulo é quase impossível de o encontrarmos com a manutenção da nasal palatal, e, em nossa pesquisa, todas as vezes que *companhia* foi produzido, houve o apagamento de /ɲ/. E em relação a *conhecer*, o contexto fonológico seguinte representado graficamente por “e” e foneticamente por [i], vemos que também é bastante comum que haja o apagamento da nasal palatal.

Nos vocábulos em que o contexto fonológico seguinte é a vogal labial [o], percebe-se que há um peso relativo alto, de 0,76, ou seja, esta vogal condiciona a realização variável da nasal palatal, o seu apagamento. No entanto, quando vamos verificar os vocábulos que têm a nasal palatal apagada com esse contexto fonológico seguinte específico, verificamos uma forte influência da relação deste com o contexto fonológico precedente à consoante palatal. O contexto fonológico seguinte com a vogal [o] apenas condicionou o processo variável quando o contexto fonológico precedente foi a vogal [i], por exemplo: os vocábulos *caminhoneta* e *carinhoso*, foram produzidas, respectivamente, como [kãmĩð'netɐ] e [kaĩ'ozɔ], em que a variável dependente se encontra entre a vogal precedente [i] e a vogal seguinte [o]. Já na relação entre o contexto fonológico seguinte [o] e os outros contextos fonológicos seguintes, percebemos que não houve apagamento da variável, como em *ganhou* [gã'ɲou], *empenhou* [ĩpẽ'ɲo] ou *vergonhoso* [vɛhgõ'ɲozɔ]. Nossos resultados confirmam a forte influência de do

contexto fonológico precedente com a vogal [i], sendo o que mais condiciona a variação da nasal palatal. À vista disso, verificamos que a associação entre o contexto fonológico seguinte [o] e o contexto fonológico seguinte [i] exerce a maior influência no processo de apagamento da nasal palatal, pois identificamos que na relação com as outras variáveis independentes estruturais como categoria gramatical, tonicidade e número de sílabas, não há interferência no processo de variação.

Há uma consideração importante a ser feita sobre o contexto fonológico seguinte como sendo o [u]. No momento de coleta de dados, verificamos que muitos vocábulos, na medida que recebiam o apagamento da nasal palatal /ɲ/, não eram produzidos com nenhum contexto fonológico seguinte. Não optamos por determinar um código específico para a ausência de vogais seguintes tendo em vista que o sistema computacional Goldvarb X entende que, se em 100% das ocorrências em que um código que representasse a ausência de vogal aparecesse, haveria o apagamento da nasal palatal. E como o foco de nossa codificação era verificar quais os contextos que influenciam o apagamento ou não da variável, o Goldvarb X consideraria um nocaute. Desta maneira, consideramos a forma de subjacência dos vocábulos, que em palavras como, por exemplo, *bonitinho*, que foram articuladas como *bonitín*, consideramos o contexto fonológico [u] da forma subjacente *bonitinho*, pois é apenas na superfície da palavra que há o apagamento.

Para ilustrar nosso raciocínio, pensemos com o que ocorre com a palavra *sozinho*, que foi produzida por vários informantes como *sozín* [so'zĩ]. Na forma subjacente o vocábulo aparece como *sozinho*, mas quando ocorre a variação temos *sozín*, na forma produzida, e, devido a isso, consideramos, nesses casos, o contexto fonológico seguinte como sendo o da forma subjacente com o [u]. Obviamente que isso não ocorre em todos os contextos fonológicos seguintes sendo o [u], pois foram encontrados registros de informantes que articularam essa palavra com a presença da vogal seguinte, como em [so'zũ].

Além disso, há vários exemplos de vocábulos que têm o fonema [u] na subjacência, após a nasal palatal, e que acrescentam um novo fonema na forma produzida, que não existia na palavra, como a semivogal [j]. Isso acontece com *banho*, *sonho* ou *tamanho*, por exemplo. O contexto fonológico seguinte à nasal palatal desses vocábulos é o [u], mas durante a coleta de dados, em que escutávamos os áudios, foi percebido que a produção fonética delas era articulada como [‘bãj], [‘sõj] e [tã’mãj], respectivamente. Acreditamos que o processo de variação, para esses casos, ocorra da seguinte forma: primeiramente, o traço de nasalidade da consoante nasal palatal espraia para a vogal antecedente, o que faz com que as vogais sejam

articuladas com nasalidade; em seguida, espraia o traço de coronalidade de /ɲ/, para formar a semivogal [j], que também é coronal; e, após os traços de nasalidade e coronalidade da consoante palatal se estenderem para outros fonemas do vocábulo, a nasal palatal /ɲ/ é apagada. Dessa forma, acreditamos que a produção de vocábulos com a formação de um ditongo decrescente (vogal + semivogal) seja efetivada em virtude do espraio de traços distintivos do fonema nasal palatal /ɲ/.

Ainda no início de nossa pesquisa, estávamos com a expectativa de que cada vez que aparecessem vocábulos que fossem finalizados com a vogal /o/, esta poderia ser omitida sem que causasse nenhum desentendimento ou desordem na comunicação entre os informantes e o entrevistador. Já quando a desinência de gênero de um vocábulo fosse feminina, com a vogal /a/, esta iria se manter em 100% dos casos, tendo em vista que se a vogal for suprimida do vocábulo, isso pode alterar o sentido da conversação, na medida em que as palavras femininas passem a apresentar a forma masculina.

De fato, nossa hipótese se cumpriu em muitos casos, como podemos acompanhar nos exemplos abaixo, na figura 2:

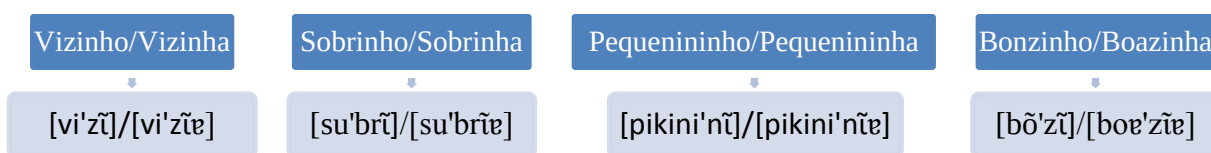


Figura 2 - Exemplos de elisão e manutenção da desinência de gênero /a/ do vocábulo

A figura 2 ilustra alguns exemplos, que encontramos em nossos dados, que comprovam que a desinência de gênero /o/ pode receber elisão nos vocábulos, e que a desinência de gênero /a/ sempre foi produzida pelos informantes, como havíamos suposto inicialmente.

Com o contexto fonológico seguinte sendo a vogal coronal [ɛ], verificamos, a partir do Goldvarb X, que este fator condiciona o apagamento da nasal palatal em vocábulos como, *vinheram*, que foi produzido como [vĩ'ɛɐɐ]. A partir disso, destacamos a importância do contexto fonológico precedente [i], que mantém o traço coronal que há em /ɲ/, e, assim, faz com que o vocábulo tenha um som semelhante à forma subjacente, mesmo que seja

despalatalizado. Percebemos que na relação com os outros contextos fonológicos precedentes – as demais vogais –, os vocábulos com o com a vogal [ɛ] seguindo a nasal palatal mantiveram a variável, como em *reconhece* ou *amanhece*.

A tabela 2 demonstra que a vogal coronal [e] apresentou um peso relativo abaixo de 0,5, o que significa dizer que esta vogal, localizada após a variável dependente, não é tão expressiva como as demais citadas acima, pois não condiciona o apagamento da nasal palatal nos vocábulos. Ao relacionarmos o fator linguístico da vogal [e], como contexto fonológico precedente ao /ɲ/, com as vogais que aparecem como contexto fonológico precedente, percebemos que apenas quando a nasal palatal está entre a vogal precedente [i] e a vogal seguinte [e] que pode haver o apagamento da variável. Vocábulos como *dinheiro*, ou *cozinheira*, são produzidas tanto com a manutenção como com o apagamento da nasal palatal: [dĩ'ɲerɔ] ou [dĩ'ɛrɔ] e [kuzĩ'ɲerɐ] ou [kuzĩ'ɛrɐ]. Na relação entre a vogal seguinte [e] e as demais vogais precedentes não houve o apagamento de /ɲ/, como em *banheiro* [bã'ɲerɔ], *engenheiro* [ĩʒẽ'ɲerɔ] ou *conheço* [kõ'ɲesɔ], por exemplo.

O contexto fonológico seguinte com o menor peso relativo, bem abaixo de 0,5, é a vogal dorsal [a], e a observação desse contexto seguinte com cada contexto fonológico precedente nos ajuda a esclarecer o porquê dessa circunstância. Houve apagamento da variável, que estava seguida da vogal dorsal, apenas quando a nasal palatal foi precedida pelas vogais /e/ e /i/, e houve manutenção de /ɲ/ quando, além de estar seguida pelo /a/, estar precedida por /a/, /o/ e /u/.

Na relação entre a vogal precedente /e/ e a vogal seguinte /a/ temos os vocábulos *venha*, *tenha*, que foram produzidos, algumas vezes, como [ˈvẽɐ] e [ˈtẽɐ], em que ocorreu a variação da nasal palatal, mas também encontramos vocábulos como *desenhar* [dezẽ'ɲɐ], que não passaram por variação. Quando a nasal palatal apareceu entre a vogal precedente /i/ e a vogal seguinte /a/ também encontramos palavras que sofreram variação em algumas produções, e em outras não. É interessante citar que sempre a vogal seguinte /a/ se manteve nos vocábulos, mesmo quando houve o apagamento de nossa variável, o que comprova nossa hipótese inicial de que, dificilmente, haveria a síncope da vogal /a/ no final dos vocábulos, pois ela se mantém para que o falante especifique o gênero do vocábulo.

Já quando o contexto fonológico seguinte foi o /a/ e o contexto fonológico precedente foram as vogais /a/, /o/ ou /u/, sempre ocorreu a manutenção da nasal palatal, como em: *ganhar*, *apanha*, *vergonha*, *sonha*, *unha* e *cunhada*.

A tabela 2 nos mostrou como se dá a influência do contexto fonológico seguinte no apagamento da nasal palatal, e, como vimos, as vogais que se localizam após a consoante palatal podem permanecer, ou não, na palavra, ou ainda pode haver o acréscimo de uma semivogal na forma produzida pelos informantes de nossa pesquisa. Além disso, ao cruzarmos os dados do contexto fonológico seguinte com o contexto fonológico precedente, foi vista a relevância das vogais que antecedem a nasal palatal, em especial a vogal [i], que mantém a nasalidade e coronalidade de /ɲ/.

4.2.3. Categoria Gramatical

A quinta variável linguística independente a ser analisada com o Goldvarb X foi o fator tonicidade. A tabela 3 ilustra os resultados obtidos para a influência no apagamento do fenômeno variável /ɲ/:

Tabela 3 - Realização da variável categoria gramatical para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores/Exemplos	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Pronome/ “ <i>minha</i> ”, “ <i>nenhum</i> ”	275/382	72	0.60
Nome/ “ <i>dinheiro</i> ”, “ <i>galinha</i> ”	617/1221	50,5	0.52
Verbo/ “ <i>ganhar</i> ”, “ <i>tenho</i> ”	313/748	41,8	0.40
Total	1206/2351	52	

Input: 0.47

Significância: 0.031

Como nossa tabela 3 mostra os resultados para a aplicação do apagamento da variável /ɲ/, podemos perceber que a classe dos pronomes é que a mais causa influência para o a variável nula [∅], seguida de nomes e verbos. Essa afirmação decorre do resultado constatado pelo Goldvarb X, em que o peso relativo desse fator é o mais expressivo entre todos da categoria gramatical, com 0,60.

Os resultados estatísticos acima comprovam o que havíamos previsto em nossa hipótese: os vocábulos que pertencem ao grupo dos verbos ou flexões verbais foram os que mais

mantiveram a variável /ɲ/. Caso ocorresse o apagamento da nasal palatal em alguns verbos ou flexões verbais, causaria um estranhamento muito grande em suas formas e ficaria, inclusive, mais complicado de articular os sons de alguns vocábulos despalatalizados. Por exemplo, se o verbo *ganhar* tivesse a redução da variável, resultaria em um som parecido com [gãʹjɐ], que dificulta a produção do falante.

Já com a classe dos pronomes, a variável nula [∅], ao invés da nasal palatal, é bem mais comum, a exemplo do pronome *minha*, que se sobressaiu nos áudios dos informantes, e, ao ter o /ɲ/ apagado, aparecia com o som de [ˈmĩɐ], muito próximo do som que teria caso mantivesse a nasal palatal. É o mesmo caso de *nenhum* que, ao ser despalatalizado, era produzido com a representação fonética como [nĩʹũ], e que também não interfere no entendimento da comunicação.

Em praticamente todos os falantes foi observado que não há uma forma que exclua totalmente a outra, pois todos alternavam os usos de manutenção ou o apagamento com, por exemplo, o pronome *minha*, ou a forma verbal *tenho*. Nenhum falante proferiu apenas o apagamento ou a manutenção dessas formas, mas a forma variada com [∅] ainda foi encontrada em maior número nos informantes.

Desta forma, no fator estrutural que mede a categoria gramatical, os vocábulos que representam os pronomes, a exemplo de *minha* ou *nenhum*, são os que mais condicionam a aplicação, ou seja, são os mais relevantes no processo de apagamento de /ɲ/.

4.2.4. Número de sílaba

Outro fator estrutural que acreditamos ser diferencial para a aplicação da regra variável de /ɲ/ é o número de sílabas do vocábulo. Vejamos na tabela 4, a seguir, a relevância desse fator para o apagamento da variável /ɲ/:

Tabela 4 - Realização da variável número de sílaba para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores/Exemplos	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Dissílabo/ “lenha”, “minha”.	576/1015	56,7	0.61
Trissílabo/ “cunhado”, “vizinho”.	445/958	46,5	0.42
Polissílabo/ “conhecimento”, “encaminhado”	184/378	48,7	0.39
Total	1206/2351	52	

Input: 0.47

Significância: 0.031

Como foi demonstrado no capítulo de procedimentos metodológicos, consideramos o número de sílabas dos vocábulos a partir da forma subjacente dos vocábulos, pois com o apagamento de nossa variável /ɲ/, o número de sílabas pode ser reduzido nas palavras, e, daí, o resultado sairia diferente e não informaria qual o número de sílabas que é mais influente para que encontremos a variável nula [∅].

Não foi registrada nenhuma palavra monossílaba com a nasal palatal, como já havíamos colocado como suposição em nossos procedimentos metodológicos. Assim, os dados representados pelos índices estatísticos indicam que os informantes da pesquisa têm a tendência de apagar consideravelmente a palatal em vocábulos que apareçam na forma de duas sílabas, haja vista que o peso relativo desse fator se deu em 0,61, que é relevante no processo de variação. E, assim, os informantes utilizam mais a nasal palatal em vocábulos trissílabos e polissílabos, pois, como a tabela 4 expõe, os pesos relativos desses fatores não são tão expressivos para influenciar a variação de /ɲ/.

Havíamos iniciado a pesquisa com a hipótese de que esse fator se manifestaria de forma semelhante aos resultados de Ferreira (2011), pelo fato da referida autora também ter trabalhado com um processo de despalatalização, mesmo que tenha sido com a lateral palatal, e não a nasal palatal. Consideramos essa hipótese pois a nossa variável é um segmento consonantal palatal que tem os traços fonológicos semelhantes à lateral palatal /ɬ/. Porém, no trabalho dessa autora, o maior número de vocábulos despalatalizados foi encontrado nos monossílabos, e não foi constatado esse número de sílabas com a nasal palatal em nossa pesquisa. Além do mais, em

Ferreira (2011), vê-se que onde houve mais manutenção da variável foi nos dissílabos, e nossa tabela 4 revela que aconteceu exatamente o oposto com nossa pesquisa: os dissílabos são os mais relevantes para a variação de /ɲ/.

Mesmo que estivéssemos analisando uma variável com traços fonológicos semelhantes a outro fonema, não podemos desconsiderar que eles irão se manifestar de maneira diferente. Não só os traços de cavidade irão revelar algo, mas precisamos agregar o fonema às outras variáveis independentes para perceber que serão proferidos de formas distintas entre si.

É indispensável citar que o maior número de vocábulos encontrado nas entrevistas dos dados do VALPB foi *minha*, *tinha* e *tenho*. Como as perguntas das entrevistas remetiam a assuntos pessoais dos entrevistados, esses vocábulos apareceram consideravelmente. E justamente esses são os vocábulos mais despalatalizados encontrados em nossa pesquisa, o que ocasionou na transformação das palavras em [ˈmĩɐ], [ˈtĩɐ] e [ˈtẽw], respectivamente. A partir disso, é notório que alguns vocábulos dissílabos se reduziram e se converteram em monossílabos na forma produzida. Obviamente, essa redução de número de sílabas ocorreu também com vocábulos polissílabos (que se reduziram a trissílabos) e trissílabos (que se reduziram a dissílabos). O desaparecimento da nasal palatal nos vocábulos tem um forte efeito na alteração da forma das frases, fazendo com que os vocábulos diminuam seus números de sílabas.

Vejamos abaixo a demonstração de como o número de sílabas de alguns vocábulos foi reduzido na forma produzida pelos informantes da pesquisa, para ilustrar nossos argumentos:

- a) Vocábulo dissílabo na forma subjacente que se transforma em monossílabo na forma produzida: *tenho* → [ˈtẽ]
- b) Vocábulo trissílabo na forma subjacente que se transforma em dissílabo na forma produzida: *vizinho* → [viˈzĩ]
- c) Vocábulo polissílabo na forma subjacente que se transforma em trissílabo na forma produzida: *passarinho* → [pasaˈrĩ]

Sobre a letra a, vale lembrar que a nasal palatal sempre apareceu na sílaba final da palavra, pois é bem improvável encontrarmos palavras que se iniciem com esse fonema, à exceção de *nheengatu*, como Ilari & Basso (2011) mostram. Além disso, é essencial que façamos uma relação desse fator número de sílabas com a tonicidade dos vocábulos, pois os

vocábulos dissílabos que foram despalatalizados tinham a nasal palatal na sílaba átona, o que nos faz supor que o falante parece se preocupar mais em enfatizar a sílaba mais forte da palavra, e acaba relaxando na outra sílaba, o que ocasiona a despalatalização. Além disso, os vocábulos dissílabos, que tinham a nasal palatal na sílaba tônica, que foram despalatalizados, foram vocábulos como *nenhum* ou *senhor*, produzidos respectivamente como [nĩ'ũ] e [sĩ'o], que, coincidentemente, têm o contexto fonológico precedente como sendo a vogal [i]. Dessa forma, traçamos também um cruzamento entre o número de sílabas e o contexto fonológico precedente. Como o sistema computacional Goldvarb X apresentou, o contexto fonológico precedente foi o fator mais relevante no apagamento de /ɲ/, com a vogal [i], possuindo o maior peso relativo.

Em relação à letra b, também podemos delinear a mesma apreciação feita acima: a maioria dos vocábulos trissílabos que tiveram a síncope da nasal palatal possuíam o segmento vocálico [i] como contexto fonológico precedente. Mas é importante citar que nem todos os vocábulos trissílabos despalatalizados reduzem o número de sílabas, pois a palavra trissílaba *dinheiro* se apresenta como [dĩ'ẽɾu] com a variante nula, que permanece com três sílabas.

Sobre os vocábulos polissílabos, que estão expostos na letra c, reconhecemos, ainda, a importância de relacionar esse fator com o contexto fonológico, tendo em vista que o número de sílabas reduz mais nos vocábulos que tem a variável precedida pelo segmento vocálico [i]. Além do mais, a maioria dos polissílabos que foram despalatalizados está no diminutivo, como *panelinha*, *passarinho* e *vovozinha*, e, segundo Pinheiro (2010), esse morfema indicador de diminutivo favorece o surgimento da variável nula ao invés de /ɲ/.

A partir do que foi demonstrado acima, temos o indício de que o número de sílabas foi um fator relevante para observarmos o status da nasal palatal na fala dos informantes paraibanos.

4.2.5. Tonicidade

A quinta variável linguística calculada no sistema computacional Goldvarb X, que favorece o apagamento de nossa variável /ɲ/, é a tonicidade dos vocábulos. Dividimos os fatores emônico – para quando a nasal palatal estiver na sílaba tônica – e em átono – para quando a nasal palatal aparecer em sílaba átona. A tabela 5 ilustra os resultados obtidos para a influência na aplicação do apagamento do fenômeno variável /ɲ/:

Tabela 5 - Realização da variável tonicidade para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores/ Exemplos	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Átona/ “ <i>tenho</i> ”, “ <i>sobrinho</i> ”	1010/1719	58,8	0.58
Tônica/ “ <i>banheiro</i> ”, “ <i>senhor</i> ”	195/632	30,9	0.30
Total	1206/2351	52	

Input: 0.47

Significância: 0.031

Os dados estatísticos revelam que as palavras átonas são mais relevantes no processo de variação, a partir do apagamento da nasal palatal /ɲ/. Os exemplos expostos acima na tabela deixam claro que, em vocábulos como *tenho* ou *sobrinho*, a nasal palatal está na sílaba átona, haja vista que a sílaba tônica dos exemplos acima está na sílaba em destaque: **tenho** e **sobrinho**. Conforme a tabela 5 apresenta, os vocábulos átonos apresentam um peso relativo acima de 0.5, o que significa afirmar que consideramos esse fator como favorecedor para a variação linguística de do fonema nasal palatal, como observamos nos estudos de Fiorin (2012), explicitado no capítulo I.

Acreditamos que a sílaba átona favoreça a realização de variação tendo em vista que se o segmento estiver mais distante da sílaba tônica, estará mais propenso a ter variação, conforme Pinheiro (2010) apresenta.

Quando a nasal palatal apareceu em sílaba tônica, percebemos que isso não influenciou de forma considerável a variação, pois o peso relativo desse fator foi abaixo de 0.5. Entretanto, a observação detalhada de nossos dados retratou que, a depender do contexto fonológico precedente, os falantes despalatalizaram alguns vocábulos, a saber que o segmento vocálico [i] antes da nasal palatal é um forte elemento que auxilia na despalatalização dos vocábulos.

Vocábulos como *ganhar* ou *conheço*, que têm a nasal palatal na sílaba tônica, não foram despalatalizados em nenhuma produção, porém vocábulos como *nenhum* ou *senhor*, foram produzidos sem o /ɲ/, algumas vezes. Quando houve a ausência da nasal palatal nessas duas últimas palavras, a forma produzida delas foi efetuada da seguinte forma: [nĩ'ũ] e [sĩ'o]. Como podemos perceber, o contexto fonológico precedente com o segmento vocálico [i] aparece, mais uma vez, como um fator que exerce bastante influência no processo de variação de nossa variável.

Analizamos os vocábulos no *input*, mas ainda há considerações interessantes a discutir sobre o que ocorre com esse fator no *output*. Podemos perceber que quando houver despalatalização, isto é, a variável dependente for nula, ela passará a se encontrar na sílaba tônica. O exemplo do vocábulo *banho*, que teve a nasal palatal apagada na fala de vários informantes, nos ajuda a perceber esse esclarecimento, pois, quando isso acontece, a forma produzida do vocábulo se manifestará como [‘bãj]. Assim, a variável nula [ø] passa a fazer parte da sílaba tônica.

Isso acontece porque a sílaba que se inicia com o /ɲ/ é suprimida e o que se mantém é apenas a vogal seguinte, que passa a integrar, também, a sílaba tônica. Por exemplo, o pronome *minha*, se pronunciado com a manutenção da variável, corresponde a um vocábulo dissílabo e com a tonicidade na primeira sílaba, ou seja, na sílaba precedente ao /ɲ/, tornando-se átona. Porém, com o apagamento de /ɲ/, o vocábulo pode ser pronunciado como [‘mĩɐ] e, assim, a vogal seguinte a nasal palatal, a [ɐ], se une a sílaba anterior e formam uma só sílaba tônica.

Sendo assim, quando a tonicidade de um vocábulo está na sílaba da vogal nasalizada, precedente a nossa variável, deixa as demais sílabas mais fracas e, com isso, a força da pronúncia das sílabas também caem, pois o destaque se dá àquela tônica. Nossa pesquisa revela, portanto, que a tonicidade é um fator bastante relevante para que ocasione em um apagamento da variável /ɲ/.

4.3. Variáveis Sociais

4.3.1. Anos de Escolarização

Um fator social que os resultados do Goldvarb X demonstram ser diferencial para a aplicação da regra variável de /ɲ/ é o grau de escolaridade dos falantes. Vejamos a tabela 6 que demonstra a relevância desse fator para o apagamento da variável /ɲ/:

Tabela 6 - Realização da variável anos de escolarização para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Analfabeto	307/569	55	0.60
5 a 8 anos de escolarização	662/1200	50	0.53
+ de 11 anos de escolarização	236/582	40,5	0.35
Total	1206/2351	52	

Input: 0.47

Significância: 0.031

A tabela 6 demonstra que os informantes com mais de 11 anos de escolaridade foram os que menos utilizaram a forma variada de apagamento da nasal palatal, e os que mais apagaram esse segmento fonético foram os falantes com nenhuma escolarização. Interessante observar que os falantes que possuíam de 5 a 8 anos de escolaridade têm um peso relativo bem próximo aos falantes analfabetos, o que comprova que quanto maior o contato direto com a língua na escola, maior o domínio dos falantes de monitorar os usos variados da língua e, assim, utilizar mais as formas padrões.

A falta de escolaridade dos indivíduos está, muitas vezes, associada às formas linguísticas que se distanciam do padrão, pois é comum encontrar pessoas que estigmatizem os usos variados da língua e que creditem isso à não escolarização de quem o fala. Contudo, nossa pesquisa revela que não há uma distinção muito marcada entre os informantes de nenhuma escolarização e os informantes de 5 a 8 anos de escolarização, pois os números não revelam um amplo distanciamento e são, inclusive, bem próximos.

O fato do alto número de manutenção e apagamento dos informantes com grau superior ou zero de escolarização nos leva a crer que o apagamento está se enraizando do dialeto paraibano, de forma que a ausência da nasal palatal é comum aos falantes da Paraíba. Por não interferir no entendimento da comunicação, o grau de letramento não exerce um poder diferencial no que se refere à aplicação de nossa variável /ɲ/.

É na escola que todos os falantes de uma determinada língua passam a trabalhar diretamente com esta, lidando com atividades de leitura e escrita que promovem a formação de um leitor autônomo. Além de ampliar o repertório linguístico e comunicativo, o acesso à cultura letrada permite que os falantes tenham conhecimento mais amplo dos diversos gêneros textuais

e, assim, acreditamos que pessoas escolarizadas saibam adaptar seu comportamento linguístico diante de situações comunicativas diversas.

É relevante destacar que o grau de instrução dos indivíduos exerce uma forte relação com o fator de faixa etária, tendo em vista que os informantes mais jovens, provavelmente terão um menor grau de escolaridade do que os informantes mais velhos. Além disso, as pessoas com um maior nível de escolaridade nos fazem supor que têm alguma ocupação profissional e, no âmbito do trabalho, é comum que os falantes monitorem mais sua linguagem para que se adequem mais aos padrões cultos, que vislumbra mais profissionalismo. Os hábitos profissionais, que incluem a linguagem, transpassam para os hábitos sociais.

As pessoas que tem um maior grau de escolaridade se preocupam em ter uma linguagem que se aproxime mais do estilo de norma culta, por conta do meio social que vivem e das exigências profissionais e sociais. O ambiente que as pessoas menos escolarizadas frequentam não exige que elas sejam mais rebuscadas na comunicação. O nível de escolarização dos falantes está diretamente ligado às suas práticas sociais que preceituam, ou não, a necessidade de se adequar aos padrões.

Assim como resultou a pesquisa de Soares (2009), nosso estudo constatou que o fator *anos de escolaridade* interfere na forma que o falante varia as consoantes palatais, pois quanto maior a escolaridade do falante, maior a tendência de manutenção da forma padrão.

4.3.2. Sexo

Esta seção está destinada a apresentar a relevância do fator social *sexo* para o apagamento da consoante nasal palatal /ɲ/. Posicionamos os fatores hierarquicamente pelos pesos relativos, conforme pode ser verificado na tabela 7:

Tabela 7 - Realização da variável sexo para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Masculino	486/918	53	0.55
Feminino	719/1433	50	0.46
Total	1206/2351	52	

Input: 0.47

Significância: 0.031

A tabela 7 deixa evidente que, na variável sexo, as mulheres exercem um maior controle de manutenção do /ɲ/, tendo em vista que os homens aparecem com um maior peso relativo no que diz respeito à aplicação do apagamento de /ɲ/, o seu uso variável. Sendo assim, os informantes do sexo feminino condicionam o favorecimento da manutenção da nasal palatal, com o peso relativo acima do ponto neutro, o que corrobora com nossa hipótese inicial.

Compreendemos que isso acontece em virtude do conhecimento sócio-histórico do comportamento social de homens e mulheres, em que se sabe que, antigamente, havia uma cultura que prezava pelo papel do homem machista, com mais domínio social, e as mulheres tinham um papel mais relacionado à subserviência, eram pessoas que deveriam ser mais contidas e disciplinadas. Os livros literários e de história do Brasil comprovam essa afirmação, assim como as pesquisa de Labov (1966; 1972). E é imprescindível que os hábitos comportamentais das pessoas sejam traduzidos, também, através de sua linguagem. Afinal, a linguagem também espelha a conduta e atitudes dos seres humanos.

A conquista das mulheres por igualdade social foi outorgada há relativamente pouco tempo no mundo em que vivemos, e, à vista disso, as pessoas do sexo feminino, mesmo que não sejam essencialmente machistas, assumem um posicionamento mais conservador do que os homens. Claro que tem mulheres que fogem a essa regra, até porque a diferença entre os pesos relativos do sexos masculino e feminino não foi tão discrepante assim. Mas, no âmbito geral, o conservadorismo está incutido no comportamento social delas e, assim, as mulheres procuram seguir uma linha mais tradicional até na forma de se expressar através da linguagem.

4.3.3. Faixa Etária

A terceira variável social independente a ser analisada com o Goldvarb X foi o fator faixa etária. A tabela 8 ilustra os resultados obtidos para a influência no apagamento do fenômeno variável /ɲ/:

Tabela 8 - Realização da variável faixa etária para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
26 a 49 anos	420/782	53,7	0.53
15 a 25 anos	359/696	51,6	0.51
+ de 50 anos	426/873	48,8	0.46
Total	1206/2351	52	

Input: 0.47

Significância: 0.031

Os estudos expostos nessa pesquisa consideram que as pessoas de uma faixa etária menor estejam mais suscetíveis a se adequarem às variações, enquanto que as pessoas de uma faixa etária mais avançada não. Conforme a tabela 8, os informantes de 26 a 49 anos apresentam uma porcentagem mais significativa no que diz respeito ao apagamento da nasal palatal, e os informantes com mais de 50 anos tendem a utilizar mais a manutenção da palatal. Já os informantes de 15 a 25 anos ficam no meio entre as duas faixas etárias citadas acima. Ainda assim, a diferença dos pesos relativos entre os falantes de 15 a 25 anos (0,51) e os de 26 a 49 anos (0,53) é bem pequena e eles possuem resultados próximos.

Apesar dos resultados demonstrarem que os falantes de 15 a 25 anos e os de 26 a 49 anos têm um peso relativo acima de 0,5, que condiciona a variação, vemos que ainda é um número bem próximo ao ponto neutro. Essa observação ratifica o que o sistema computacional Goldvarb X demonstrou, ao estabelecer o fator *faixa etária* com pouca relevância para a variação da nasal palatal na comunidade de João Pessoa.

Esse resultado se difere um pouco do de Soares (2009), em que a autora constatou que os informantes de 15 a 25 anos usam a forma mais variada da nasal palatal, na comunidade linguística do Norte do Brasil, do que os informantes das outras faixas etárias. Tínhamos a hipótese de que assim como ocorreu na pesquisa de Soares (2009), aconteceria em nossos resultados, porém os informantes de 26 a 49 anos se destacaram mais. Mas como o peso relativo

dos informantes abaixo de 50 anos (de 15 a 25 e os de 26 a 49) foram bem próximas e acima do ponto neutro, acreditamos que há uma diferença mais saliente entre os falantes com mais de 50 anos (que tiveram um peso relativo abaixo do ponto neutro) e os abaixo de 50 anos.

A língua está sempre em constante modificação, e, provavelmente, os informantes da faixa etária de mais de 50 anos utilizam mais a nasal palatal pelo próprio meio social a que estão expostos. Uma pessoa nessa faixa etária provavelmente já passou pelo mercado de trabalho, conviveu com profissionais de diversas áreas e culturas diversas, isto é, se habituou a manter uma certa formalidade em sua linguagem, para se adequar às diversas situações sociais a que foi exposto durante toda sua vida.

Os falantes entre 15 e 25 anos, geralmente, ainda estão frequentando a escola, ou cursando alguma faculdade, isto é, não entraram no mercado de trabalho e, por isso, frequentam lugares mais despretensiosos, em que não há uma necessidade de se adequar aos padrões cultos da linguagem. Já os falantes com faixa etária de 26 a 49 anos provavelmente já se inseriram no mercado de trabalho, mas a proximidade dos resultados entre esses indivíduos e os mais jovens (15 a 25 anos) nos leva a crer que o início na vida profissional ainda carrega características linguísticas que, possivelmente, foram utilizadas em faixas etárias menores, pelos falantes. O meio social no qual os falantes vivem reflete no modo de utilizar a linguagem. Afirmamos isto, devido à observação de que as faixas etárias que são marcadas pelo possível início na vida profissional tiveram resultados bem próximos.

Além disso, ainda acreditamos que há uma questão neurológica que possa explicar o resultado desses dados, seguindo os estudos de Fecine & Trompieri (2012), para quem a capacidade intelectual pode ficar mais lenta nos indivíduos com o passar dos anos. Assim, consideramos que a produção neural é mais eficiente nos falantes mais jovens e que estes, estão sempre buscando por novidades e querendo se adequar aos grupos sociais, e isso é revelado em seus dialetos. Entre os informantes mais jovens, a capacidade produtiva do ponto de vista intelectual é maior, por isso que o apagamento da nasal palatal se dá com maior frequência nos falantes dessa idade.

Pelo fato da faixa etária mais jovem estar em destaque por apresentar uma maior frequência no uso do apagamento da variável, podemos admitir que, no falar da comunidade de João Pessoa, os usuários da língua utilizam cada vez mais as formas variadas da língua. Como os falantes mais jovens têm a tendência de se adaptarem mais facilmente às mudanças sociais, isso se aplica também na língua. Esse resultado nos faz crer que, cada vez mais, os falantes utilizarão a forma variada da nasal palatal.

4.4. Cruzamento dos dados dos fatores sociais

Ao cruzarmos os dados dos fatores sociais de nossa pesquisa, a saber, faixa etária, sexo e anos de escolarização, o sistema operacional Goldvarb X demonstrou que o fator anos de escolarização é o mais relevante para condicionar a variação da consoante nasal palatal, na comunidade de João Pessoa. O sexo dos informantes aparece em segundo lugar como variável social que condiciona a variação, e a faixa etária aparece em seguida, como a menos relevante dos três fatores.

O Goldvarb X operacionalizou duas catalogações de cruzamento, a partir da relação dos fatores de faixa etária e escolarização, assim como dos fatores de faixa etária e sexo. Com isso, a partir do segundo cruzamento citado, vimos que o sexo masculino é o que mais produz o uso variado da consoante nasal palatal em todas as faixas etárias. Mais uma vez, foi comprovado que o sexo dos informantes se mostrou mais relevante do que a faixa etária, na comunidade de João Pessoa: entre os informantes com mais de 50 anos, que apagaram a nasal palatal em seus vocábulos, 56% eram do sexo masculino; entre os informantes de 26 a 49 anos, que apagaram a nasal palatal, 59% eram do sexo masculino; entre os informantes de 15 a 25 anos, que utilizaram a forma variada de /ɲ/, 59% eram do sexo masculino. Ou seja, os informantes que mais utilizaram a forma variada de /ɲ/ foram os homens na faixa etária abaixo de 50 anos (entre 15 a 49 anos). E os informantes do sexo feminino apareceram com um número menor de vocábulos com o apagamento da nasal palatal em suas produções.

Em relação à outra catalogação de dados que o Goldvarb X gerou, foi verificado que entre os informantes com mais de 50 anos, os que mais apagaram a nasal palatal foram os que não possuíam nenhuma escolarização. Nos dados dos informantes de 26 a 49 anos, há a comprovação de que os sujeitos sem escolarização utilizam mais a forma variada da nasal palatal, seguido dos que possuíam de 1 a 8 anos de escolarização. Os informantes de 26 a 49 anos, com mais de 11 anos de escolarização, não atingiram um número relevante (40%) para condicionar a variação. Em relação aos informantes mais jovens, de 15 a 25 anos, observou-se que os que mais apagaram a nasal palatal foram os que tinham pouca (de 1 a 8 anos) escolarização, com 58%, o que surpreendeu nossas expectativas, pois acreditávamos que sempre os falantes sem escolarização que utilizariam mais as formas variadas. Os falantes sem escolarização, que tinham de 15 a 25 anos, também condicionam o uso variado da nasal palatal,

só que em menor proporção, com 50%, e os que tinham mais de 11 anos de escolarização apagam menos o /ɲ/ em seus vocábulos.

A partir desses resultados da ligação entre os fatores sociais, podemos verificar que os falantes do sexo masculino, com a menor faixa etária e com pouca escolarização são os que mais utilizam a forma variada da nasal palatal /ɲ/.

4.5. Descrição do status da nasal palatal

A partir dos estudos diacrônicos sobre a língua, temos o conhecimento de que a língua portuguesa deriva do latim, conforme explicitado por Coutinho (1976). Podemos observar, em algumas pesquisas diacrônicas, que muitas ocorrências linguísticas faladas atualmente têm relação com a fala popular do latim (latim vulgar) e do português arcaico, a exemplo de estudos como o de Naro & Scherre (2007) sobre a ausência de marca de plural em alguns vocábulos.

Assim como ocorreu com o latim, as demais línguas mudam ao longo do tempo e, de acordo com Ilari & Basso (2011), o português passou a constituir características próprias de acordo com o período histórico em que se encontrava. Tomando essa consideração como premissa, seguimos com a compreensão de que muitas manifestações linguísticas faladas nos dias de hoje podem estar relacionadas com a formação da língua portuguesa.

Devido a isso, faz-se relevante tecermos algumas considerações sobre a relação que pode haver entre o status da nasal palatal atualmente e o que era falado na língua latina. Os estudos filológicos demonstram que os fonemas palatais não existiam na língua latina, e o conhecimento sobre os metaplasmos permitiu que compreendêssemos que o surgimento de consoantes como a nasal palatal /ɲ/ ou lateral palatal /ʎ/ se deu a partir de um processo conhecido como palatalização.

Conforme Araújo (2005, p. 01) pontua, os metaplasmos são estudos das transformações fonéticas dos vocábulos através da evolução da língua e, inserido nessa perspectiva, destacamos o surgimento de um fonema palatal. Sobre isso, Fernandes & Costa (2014, p. 122) afirmam que: “No latim não existe consoante palatal. A transformação de um ou mais segmentos sonoros em consoante palatal chama-se palatização”. Camara Jr (1986) também comprova essa afirmação em seus estudos, ao afirmar que os fonemas palatais surgiram na transformação da língua latina para o português. E, ainda seguindo Fernandes & Costa (2014), vemos alguns exemplos das transformações de fonemas dental alveolar em palatais: a construção [ne] ou [ni] + vogal passou

a ser grafada com nh (foneticamente transcrito como /ɲ/: *vinea* > *vinha*; *seniore* > *senhor*; *vineam* > *vinha*).

A formação da língua portuguesa nos mostra, portanto, o desenvolvimento e o surgimento das consoantes palatais, como a nasal palatal, que, ao longo do tempo, foi se desenvolvendo até se tornar um fonema fixo do alfabeto fonético do português brasileiro (CAMARA JR, 2013). No entanto, os dados estatísticos, evidenciados pelo Goldvarb X, de nossa pesquisa revelam que, na comunidade de João Pessoa, atualmente, não está tendo uma progressão do uso desse fonema. Na verdade, verificamos que o maior número dos informantes de pesquisa desempenhou o oposto do que foi produzido outrora: o uso das consoantes palatais vem diminuindo em alguns vocábulos.

A observação de como se deu a formação do fonema palatal na língua portuguesa nos leva a crer que os casos de usos linguísticos em que há ausência da consoante nasal palatal estão retomando ao que era produzido no latim. Isto é, o processo da formação das palatais está voltando a forma anterior, como se estivesse acontecendo exatamente o inverso do processo de transformação fonética ocorrido anteriormente.

Entretanto, não devemos entender que os informantes do *corpus* de João Pessoa, ao despalatalizarem alguns vocábulos, passaram a produzi-los apenas com o fonema dental alveolar /n/ acrescido de uma vogal ([ne] ou [ni]), como na língua latina, que foi exemplificado por Fernandes & Costa (2014). Na verdade, o que ocorre no processo de despalatalização é a ausência de qualquer consoante e, com isso, o traço de nasalidade da nasal palatal espraia para as vogais que antecediam o fonema /ɲ/. Para tornar essa explicação mais visível, vejamos o quadro 2 com alguns exemplos retirados do *corpus* de nossa pesquisa:

Quadro 2 - Exemplos de vocábulos produzidos com a despalatalização de /ɲ/

Vocábulos na forma subjacente	Vocábulos na forma produzida
<i>Tinha</i>	[t'ĩɐ]
<i>Dinheiro</i>	[dĩ'ɐɾɔ]
<i>Tamanho</i>	[tã'mãɣ]
<i>Sonho</i>	[sõɣ]

Através do quadro 2 podemos observar que na primeira coluna estão alguns exemplos de vocábulos no *input*, isto é, na forma subjacente da palavra, e na segunda coluna estão

apresentados os vocábulos na forma produzida pelos informantes de nossa pesquisa, os vocábulos no *output*. Como pôde ser visto, ao apagarem o fonema nasal palatal, os falantes nasalizam as vogais. É importante lembrar que, na segunda coluna, apresentamos a realização fonológica dos vocábulos que apagaram a variável dependente /ɲ/, mas não foi em todas as produções dos informantes que ocorreu esse processo, pois também encontramos dados de vocábulos proferidos com a nasal palatal.

Nossa dedução de que a nasal palatal está passando por um processo de retorno ao latim vulgar também se sustenta nos estudos de Ferreira Netto (2001, p. 85), que ao apresentar descrições sobre a assimilação de nasalidade, mostra que a junção da consoante [n] com a vogal [i] acarretou no surgimento na nasal palatal da seguinte forma: a princípio houve o espraçamento da nasalização para a vogal precedente e, a partir disso, a queda da consoante, conforme podemos observar na transformação de *arana* (uso do latim) em *aranha* (uso do português): *arana* > *araña* > *aranha*. De acordo com Ferreira Netto (2001), o estágio anterior à formação da nasal palatal foi a síncope de /ɲ/ e a nasalização da vogal, que é justamente o que pode ser percebido nos dados de nossa comunidade de fala.

A observação do comportamento dos vocábulos antes do surgimento do fonema nasal palatal faz com que possamos depreender, ainda, uma análise fonológica da ligação entre a dental alveolar [n] e a vogal coronal [i], que originou o /ɲ/. A partir dos estudos de fonologia, como o de Matzenauer (2005), podemos compreender que na estrutura fonológica de vocábulos como *arana* (na língua latina) tinha-se um ponto de consoante e um ponto de vogal, sendo este coronal¹⁵. Vale lembrar que, segundo a autora, os fonemas que têm esse traço são os dentais, os alveolares, os palato-alveolares e os palatais.

À vista disso, percebemos que no apagamento da consoante palatal em vocábulos como *tinha* ou *dinheiro*, do português brasileiro, que têm o fonema palatal /ɲ/ com o traço coronal no *input*, o traço de coronalidade permanece no *output* em [ˈtĩɐ] ou em [dĩˈɐrɐ], a partir do segmento vocálico [i]. Já no caso dos vocábulos *tamanho* ou *banho*, não há a vogal coronal [i] antes da nasal palatal, para manter o traço de coronalidade, mas uma vogal dorsal. Daí surge a variação contextual do acréscimo da semivogal [j] no vocábulo, que é capaz de conservar o traço coronal da nasal palatal que foi suprimida.

¹⁵ O fato de afirmarmos que o ponto de vogal [i] em *arana* é coronal advém da noção de traços de cavidade, nos estudos fonológicos, que de acordo com Matzenauer (2005), são produzidos com a lâmina da língua elevada acima da posição neutra.

A análise qualitativa de nossos dados se fez relevante para que percebêssemos que, como os falantes do português brasileiro vêm apagando, cada vez mais, a consoante nasal palatal na produção de seus vocábulos, vem acontecendo um processo inverso ao da formação da nasal palatal na língua portuguesa. Além disso, percebemos que o traço coronal da forma como o som de /ɲ/ é produzido permanece, mesmo com seu apagamento. E a conservação desse traço no vocábulo que nos faz observar que os vocábulos que tem a nasal palatal apagada estão voltando para o que era produzido na língua latina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada buscou caracterizar como o segmento consonantal nasal palatal /ɲ/ se comporta na comunidade de João Pessoa, a fim de verificar se os falantes utilizam mais a variável nula [ø] ou sua forma de origem fonológica [ɲ].

Conforme foi constatado nos resultados pelo Goldvarb X, os fatores que parecem exercer mais influência para que a nasal palatal /ɲ/ seja uma regra variável são os fatores de contexto fonológico precedente, o contexto fonológico seguinte, a categoria gramatical, o número de sílabas, a tonicidade, os anos de escolarização, o sexo e a faixa etária, respectivamente nessa ordem. Essa descrição confirma nossa hipótese de que os contextos fonológicos precedente e seguinte seriam os fatores que mais condicionassem o processo de variação.

Dentre as variáveis independentes, foi interessante observar a relevância do contexto fonológico precedente, mais precisamente do segmento vocálico [i] que aparece como um forte elemento condicionador de variação também em outros fatores como número de sílabas e tonicidade, por exemplo. Assim como o contexto fonológico seguinte, pois, nas ocorrências em que a nasal palatal foi apagada, houve, em muitos casos, o acréscimo da semivogal [j]. Conforme descrevemos, o traço de coronalidade da nasal palatal é espreado para a vogal [i], assim como a nasalidade do fonema, assim os vocábulos mantêm os traços distintivos de /ɲ/, mesmo quando esse fonema não é produzido pelos falantes.

No fator de contexto fonológico seguinte, foi verificado que os vocábulos finalizados com a vogal /o/ na forma subjacente, puderam ter essa vogal omitida na forma produzida, sem que causasse nenhum desentendimento ou desordem na comunicação entre os informantes e o entrevistador, assim como acreditávamos inicialmente em nossas hipóteses. Com isso, quando o contexto fonológico seguinte era a desinência de gênero /a/, esta se manteve nos vocábulos, para que não fosse alterado o sentido dos vocábulos.

No que diz respeito aos outros fatores estruturais selecionados para o estudo, percebemos que nossas hipóteses sobre número de sílabas e a tonicidade foram confirmadas, pois, em relação ao primeiro fator, os resultados demonstram que os vocábulos dissílabos influenciam mais na regra variável, e em relação ao segundo fator, foi observado que as palavras que possuíam a nasal palatal na sílaba átona receberam um maior número de variação. Sobre categoria gramatical, nossa hipótese não foi alcançada, pois acreditávamos inicialmente que os

verbos condicionariam mais o processo variável, no entanto foi revelado que os pronomes condicionam mais.

No tocante aos resultados dos fatores sociais, tínhamos a hipótese de que, no fator faixa etária, os falantes mais jovens utilizassem mais as formas variadas da língua, porém os informantes de 26 a 49 anos se destacaram mais. Apesar dessa diferença, foi visto que os falantes mais velhos, com mais de 50 anos, tendem a manter o uso da nasal palatal em seus vocábulos. Trabalhamos, ainda, com a hipótese de que os falantes do sexo masculino foram os que mais apagaram a consoante nasal palatal de seus vocábulos, o que foi comprovado em nossa análise dos dados. E dentre o fator de anos de escolarização, foi comprovado que quanto menor o grau de escolaridade, isto é, quanto menor for o contato do indivíduo com a escola, maior a utilização de formas variadas da língua, como o apagamento da nasal palatal.

A nossa pesquisa nos dá indícios de que o apagamento da nasal palatal, na comunidade da cidade de João Pessoa – PB, constitui uma variação estável, tendo em vista que um mesmo falante tanto usa um vocábulo com a manutenção do fonema, quanto usa com o apagamento, em momentos distintos. Devido à essa oscilação, acreditamos que a variação do fonema nasal palatal ainda esteja passando por um processo inicial. Há um grande número de usos variados nas falas dos informantes, mas ainda há um grande uso com a manutenção da nasal palatal também.

É interessante perceber que por esse ser um processo que envolve menos saliência, envolve menos juízo de valor, e, por isso, a variação pode passar de maneira despercebida pelos falantes. Com isso, compreendemos que os falantes têm uma noção social da língua, do que a variante pode implicar dentro do contexto social e do que irá prejudicar, ou não, a conversação.

O conhecimento linguístico acerca da língua falada em nosso país nos faz entender que há muitas diferenças nos dialetos de cada região brasileira. Como cada comunidade de fala tem suas especificidades na língua, esta pesquisa se torna propícia para registrar o status da nasal palatal em uma determinada comunidade de fala de nossa região. A partir disso, pudemos destacar que os falantes de João Pessoa estão utilizando, em grande número, a variação do fonema nasal palatal em seus vocábulos.

Nossa pesquisa pode contribuir, ainda, para que percebêssemos que o processo de variação se deu a partir do apagamento ou manutenção da nasal palatal. Nos casos de despalatalização, a nasalidade de /ɲ/ permanece, ao se espriar para a vogal precedente, assim como havíamos pressuposto em nossas considerações iniciais.

É importante ter um conhecimento aprofundado da teoria da variação linguística para que os indivíduos reconheçam a pluralidade de discursos e respeitem os fenômenos de variação na fala das pessoas, haja vista que os estudiosos variacionistas afirmam que este trata-se de um fenômeno natural.

Trabalhar com variação linguística nada mais é do que conhecer a fundo a nossa sociedade, como também passar a entender culturas e sociedades distintas das que somos comuns, como podemos comprovar na afirmação de Travaglia (2009): “os dialetos sociais exercem na sociedade um papel de identificação grupal, isto é, o grupo ganha identidade pela linguagem” (op. cit., p. 45). É a partir de estudos como esse, no qual estamos realizando, que a linguagem se aproxima cada vez mais dos usuários da língua.

REFERÊNCIAS

- ABS DA CRUZ, Gabriela Fontana. **O processo de semivocalização de líquidas laterais em posição pré-vocálica: uma revisão teórica**. Letrônica, v. 2, p. 48-58, 2009.
- ARAÚJO, Ruy Magalhães de. Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico. In.: **Anais do II CLUERJ-SG, congresso de letras da UERJ – São Gonçalo**, 2005.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha: 2011.
- BELINI, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 45 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: Mário Eduardo Martelotta. (Org.). **Manual de Linguística**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 141-155.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7.ed. ver. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CRISTOFOLINI, Carla. **Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística**. In: Revista ABRALIN, v.10, n.1, p. 205-229, 2011.
- FECHINE, Basílio Rommel Almeida; TROMPIERI FILHO, Nicolino . **O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos**. InterScience Place, v. 1, p. 106-132, 2012.
- FERNANDES, Patrícia Damasceno; COSTA, Natalina Sierra Assêncio Costa. **A evolução da língua portuguesa**. Revista Philologus, v. 20, p. 117-126, 2014.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

FERREIRA, Machado Milena. **A variação da lateral palatal segundo transcrição do banco de dados VARSUL**. Dissertação de conclusão de título de mestrado. Programa de pós-graduação em letras, UFRGS, 2011.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Introdução à Fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. (Trad. Magda Lopes). Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação da lateral palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)**. Dissertação de conclusão de título de mestrado. Paraíba, UFPB, 2011.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa Instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HERNÁNDEZ CAMPOY, J. M. & ALMEIDA, M. **Metodología de la Investigación Sociolingüística**. Granada: Comares, 2005.

HORA, Dermeval da. (Org.) **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. Santa Maria: Pallotti, 2004.

HORA, Dermeval da. **Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais**. Scripta (PUCMG), v. 9, p. 31-46, 2006.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene, L. R. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba**, João Pessoa, 2001.

HORA, Dermeval da (Org.); PEDROSA, Juliene L. R. (Org.). **Introdução à Fonologia do Português Brasileiro**. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene. L. R. Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica. In: **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa** / Silvana Soares Costa Ribeiro, Sônia Bastos Borda Costa, Suzana Alice Marcelino Cardoso (org.) - Salvador: EDUFBA, 2009.

ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos e falamos**. São Paulo: Contexto, 2011.

KENSTOWICZ, Michael. **Phonology in generative grammar**. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. (Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso.) São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Trad: Marilda Winkler Averborg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; Introdução à teoria fonológica. In: LEDA BISOL. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, v. 1, p. 11-81.

NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta P. **Garimpo das origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: **Introdução à linguística**. José Luiz Fiorin (org.). – 6. ed., São Paulo: Contexto, 2012.

PINHEIRO, Neffer Luiza de Aguiar. **O processo de variação da lateral palatal em Belo Horizonte**. Dissertação de conclusão de título de mestrado. Belo Horizonte, UFMG, 2010.

SOARES, Eliane Pereira Machado. **Aspectos fonéticos, fonológicos e sociolinguísticos das palatais lateral e nasal**. Revista das Letras, v. 30, 2010.

SOARES, Eliane Pereira Machado. **Variação da lateral palatal e nasal palatal num falar do Norte do Brasil**. II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2009.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolinguística**. 8.ed. – São Paulo: Ática, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14 ed. – São Paulo: Cortez: 2009.

WEINREICH, Uriel. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**./ Uriel Weinreich, William Labov, Marvin Herzog; trad. Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WETZELS, W. Leo. **Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro**, *Revista de Estudos Linguísticos*, Vol. 9, nº 2: 5-15, 2000.